

*Working Paper*

Título: Visões de mundo da “nova classe C” no bairro da Brasilândia

Aluna: Camila Rocha

"Preparado para o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP,  
para apresentação na mesa 'Partidos e Eleições', dia 26/04/12"

**Resumo:** Este *working paper* apresenta resultados preliminares de uma pesquisa que vem sendo conduzida junto a moradores do bairro da Brasilândia, zona noroeste da cidade de São Paulo, cujo perfil remete ao fenômeno descrito como “nova classe C” pelos economistas Marcelo Neri (2008) e Waldir Quadros (2008). O objetivo desta pesquisa é compreender como estas pessoas, que podem ser consideradas como pertencendo à “nova classe C”, estruturam suas visões de mundo e as traduzem no momento do voto, com foco nas eleições municipais. Assim, a investigação foi dividida em duas fases principais, na primeira fase foram realizadas 17 entrevistas em profundidade com os moradores do bairro sobre suas visões de mundo e preferências políticas, e, na segunda fase, estas mesmas pessoas serão re-entrevistadas durante o período eleitoral deste ano. Apesar da definição de “nova classe C” ter sido utilizada de forma operacional para a escolha dos entrevistados, tal noção é insuficiente para dar conta da heterogeneidade das experiências das pessoas, tendo em vista que esta é uma pesquisa de nível micro. Dessa forma, será levada em consideração a influência de uma série de fatores específicos do contexto da Brasilândia como: a história política e social do bairro; a presença da violência no local; a religiosidade dos moradores; laços familiares, de amizade e vizinhança; inserção de partidos e ONGs, além de níveis de renda familiar e consumo, para compreender a conformação de certas visões de mundo e percepções da política. Tendo isso em vista, também serão realizadas entrevistas com políticos locais, militantes e lideranças comunitárias e religiosas do bairro com intuito de compreender melhor a atuação de partidos, ONGs e igrejas e a articulação desta atuação com a história política do local, complementando, assim, as informações obtidas nas duas fases de entrevistas com os moradores.

**Palavras-chave:** comportamento eleitoral; periferia; nova classe C; São Paulo; Brasilândia

## Introdução

O Brasil vem passando por transformações no que diz respeito à ascensão social de grandes contingentes da população. É o que afirma um estudo coordenado pelo economista Marcelo Côrtes Neri, da FGV-RJ, publicado em 2008. Segundo Neri, o país passou a integrar, em 2007, o ranking dos países com alto IDH (Índice de desenvolvimento humano), o que estaria relacionado com o aumento de 22%, que se deu entre abril de 2004 e abril de 2008, da parcela de brasileiros que passou a compor a faixa de rendimentos correspondente ao que economistas e publicitários denominam como “classe C”, aumento este que corresponde àqueles que são chamados frequentemente de “nova classe C”, ou seja, pessoas que deixaram de fazer parte das faixas de renda E e D (Neri, 2008).<sup>1</sup>.

Esta divisão entre “classes A, B, C, D e E”, realizada por Neri para o ano 2008, corresponde a uma estratificação baseada em valores mensais das rendas domiciliar total (tendo em vista a renda total de todas as fontes para famílias de 4,31 indivíduos) e per capita do trabalho<sup>2</sup>. Tendo esta classificação em vista, as pessoas que pertencem à “classe C”, de acordo com o salário mínimo fixado em 622 reais em 1º de janeiro de 2012, recebem por mês, de forma aproximada, um valor entre 311 e 1.368 reais per capita, e como renda familiar algo entre 1555 e 6842 reais.

O pesquisador carioca sustenta que a “classe C” pode ser considerada a classe média brasileira, no entanto destaca que outros estudiosos a caracterizam como classe média baixa. Esta é a opinião do economista Waldir Quadros que, em um artigo publicado em 2008 pela Unicamp, afirma que a “classe C” no Brasil corresponderia, na verdade, à classe média baixa: “(...) em nossa metodologia a baixa classe média em geral é a camada mais numerosa da estrutura social.

---

1 Apesar do frequente uso por parte de economistas e publicitários do termo “classe”, em vez de “faixa de renda”, para designar estratos sociais agregados a partir de níveis mínimos e máximos de renda familiar e/ou per capita, tal uso, de um ponto de vista sociológico, não é adequado, daí o uso das aspas sempre que tais denominações aparecerem no texto.

2 O limite superior da classe E foi calculado a partir da definição da linha da miséria, e o das demais classes a partir de pesquisas de emprego realizadas entre 2002 e 2006, sendo que todos os valores foram posteriormente ajustados com base em preços do ano de 2008 na grande São Paulo. Participavam da “classe E”, em 2008, as pessoas cuja renda domiciliar ia até 768 reais e cuja renda per capita atingia o máximo de 135 reais, da “classe D” cuja renda domiciliar variava de 768 reais a 1.064 reais e a renda per capita de 135 a 214 reais, da “classe C” as pessoas cuja variação da renda domiciliar ia de 1.064 reais a 4.591 reais e da renda per capita de 214 a 923 reais, e finalmente, das “classes A e B” em conjunto, as pessoas que possuíam renda domiciliar total a partir de 4.591 reais e renda per capita a partir de 923 reais (Neri, 2008). Para atualizar estes valores pode-se fazer uma correlação entre os limites inferiores e superiores atribuídos a cada uma das cinco faixas de renda descritas acima e o salário mínimo correspondente ao ano de 2008, ano tomado como referência para a pesquisa do economista, cujo valor naquele ano somava 415 reais. Dessa forma, aproximadamente, no que se refere apenas à renda domiciliar mensal, o limite superior da classe E, 768 reais, equivale a 1,8 salário mínimo, o limite superior da D, 1.064 reais, a 2,5 SM, o limite superior da “classe C”, 4.591 reais, a 11 SM, sendo que as famílias das classes A e B recebem, mensalmente, mais de 11 SM. Apesar da diferença entre os limites superiores das “classes D e C” parecer muito abrupta, de 2,5 SM para 11 SM, realizando a conversão dos valores da renda per capita propostas por Neri em SM tem-se que, na classe D, cada indivíduo receberia até 0,5 SM e na “classe C” até 2,2 SM, o que diminui a diferença existente entre estas duas faixas de renda que aparece quando se observa apenas a renda mensal convertida em SM.

Entretanto, nos parece totalmente inadequado concluir da recente expansão da baixa classe média que agora temos no Brasil uma sociedade de classe média” (Quadros, 2008, p.15). Quadros argumenta que as classes A e B corresponderiam, juntas, à classe média tradicional<sup>3</sup>, cujos integrantes possuem acesso a itens e serviços diferenciados (cursos, viagens, assistência médica particular, escolas particulares) e por isso se diferenciam da classe média baixa, na qual tal acesso seria muito limitado. Assim, é possível dizer que a "classe C" seria o estrato que se localiza acima do limiar da pobreza, mas abaixo da classe média tradicional.

O estudo de Quadros também é menos otimista que o de Neri ao analisar a ascensão social produzida no período 2004-2008, já que leva em conta variações históricas mais longas da participação dos indivíduos nos diferentes grupos estratificados por rendimentos, empregando um critério de divisão por faixas de renda similar àquele utilizado por Neri<sup>4</sup>. Segundo Quadros, apesar do recente aumento de 22% na "classe C", ou baixa classe média, que ocorreu a partir de 2005, a porcentagem deste estrato sobre a população total do país seria, entre retrações e avanços, praticamente a mesma de 1981, ou seja, ainda que tenha ocorrido uma ascensão considerável, é preciso relativizar sua importância histórica<sup>5</sup>. Além disso, se para Neri “de abril de 2004 a abril de 2008, (...) a nossa Classe A & B subiu 33,6%” (Neri, 2008, p.5), para Quadros, o aumento destas faixas de renda teria sido modesto : “Em linhas gerais, observa-se tanto na agregação individual como na familiar uma relativa estagnação na participação da alta e média classe média. Basta dizer que as proporções dos estratos sociais estão praticamente nos mesmos níveis de 1981. (...) Tanto na alta como na média classe média a recuperação de 2005 a 2007 é razoavelmente modesta em comparação com a movimentação ocorrida nas camadas inferiores” (Quadros, 2008, p.7).

Embora os processos de ascensão tenham ocorrido de forma mais acentuada apenas nas “classes C, D e E”, segundo o economista da Unicamp, é necessário enxergar as transformações na estratificação social como um processo dinâmico, ou seja, a estagnação existente entre as “classes A e B” “(...) não deve nos conduzir à idéia de uma relativa 'pasmaceira', muito distante da dinâmica social efetiva em que interagem de forma conflitante indivíduos que estão ascendendo, outros que

---

3 Os cientistas políticos Amaury de Souza e Bolívar Lamounier, em pesquisa publicada em 2010 sobre a classe média brasileira, também realizam esta correspondência entre as classes A e B e classe média tradicional, diferenciando-as da "classe C" e, principalmente da "nova classe C", cujos membros desfrutariam de “padrões sociais” mais modestos do que as primeiras. Ver Souza, A. Lamounier, B. *A classe média brasileira : ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro : Elsevier ; Brasília, DF, CNI, 2010

4 Na classificação realizada por Quadros, 2008, a “classe A” corresponderia à alta classe média, a “classe B” à média classe média, a “classe C” à baixa classe média, a “classe D” à massa trabalhadora e, finalmente, a “classe E” aos miseráveis.

5 “Outro aspecto relevante é que, apesar da recente expansão, a proporção de pessoas que na estratificação familiar se encontra na baixa classe média em 2007 (36,0%) situa-se no mesmo patamar de 1981 (36,4%). Desta forma, tanto do ponto de vista dos impasses estruturais do desenvolvimento econômico como da perspectiva histórica de sua presença na sociedade brasileira, a performance da baixa classe média nos últimos anos merece ser razoavelmente relativizada.” (Quadros, 2008, p.9)

lutam para manter sua posição e aqueles que estão caindo. Na verdade, a disputa pela conquista de oportunidades insuficientes, numa época de frágeis freios morais, parece ser melhor caracterizada como uma verdadeira 'pororoca social', com concorrência selvagem entre os segmentos envolvidos. Como pano de fundo imaginamos um processo bastante expressivo de circulação social entre os estratos sociais.”(Idem, p.8). Para Quadros, o fato de não ter havido mobilidade social além da "classe C" seria um problema, uma vez que um grande contingente de pessoas não conseguiria ultrapassar uma certa barreira de rendimentos, e aquelas que conseguem ultrapassar esta barreira o fazem, provavelmente, a custa do espaço deixado pelo descenso social de pessoas que pertenciam anteriormente às “classes A e B”.

Apesar das controvérsias existentes entre as visões dos dois economistas sobre a importância e o grau de otimismo acerca da ascensão de pessoas para a "classe C", e a correspondência desta faixa de renda com denominações como classe média ou classe média baixa, é inegável que houve mobilidade no período abordado pelas pesquisas de Neri e de Quadros, principalmente a partir de 2004. Ambos, ainda que utilizem metodologias diferentes para avaliar a mobilidade dos estratos sociais, chegaram à conclusão de que houve de fato uma forte diminuição no número de miseráveis (classe E), que teriam passado para a classe D, e um aumento de 22% na "classe C", relacionado com um processo de ascensão social dos estratos imediatamente inferiores.

É possível verificar que tanto a ascensão de indivíduos da classe E para a classe D quanto a ascensão de indivíduos das “classes E e D” para a "classe C", descritas por Neri e Quadros, tiveram início no segundo ano do primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, do PT, acentuando-se ao longo dos anos seguintes de seu governo. A relação entre o governo Lula e o aumento da mobilidade social foi abordada por Neri quando este justifica que o crescimento da economia e da empregabilidade teria sido tão ou mais importante para explicar a ascensão destas populações do que os programas de transferência de renda e o aumento do salário mínimo promovidos pelo governo petista. Por outro lado, os cientistas políticos Wendy Hunter, Thimoty Power e César Zucco acreditam que os programas de transferência de renda tiveram um papel fundamental não apenas no que diz respeito à ascensão social, mas que também estariam relacionados com a votação em massa recebida por Lula no primeiro turno de 2006 por parte dos eleitores oriundos das “classes E e D” (Hunter; Power, 2007) (Zucco, 2010).

As análises das correlações entre voto e renda realizadas por Elizabeth Balbachevsky e Denilde Holzhacker, em 2002, ano em que Lula se elegeu presidente pela primeira vez, demonstraram que não houve grandes diferenças entre os votos oriundos dos eleitores das “classes A, B, C, D e E”. (Balbachevsky e Holzhacker, 2007). No entanto, na eleição seguinte, em 2006, a estratificação social foi o fator mais importante para analisar o padrão da votação. Desta maneira, se

em 2002, 46,9% dos eleitores da classe média alta votaram em Lula no primeiro turno, em 2006 a votação destes mesmos setores no candidato petista, também no primeiro turno, caiu para 38,1%, no entanto, no que refere aos eleitores das “classes D e E”, considerando tais faixas de renda como correspondentes à parcela da população que as autoras entendem por classe baixa, a opção por Lula passou de 52,9% em 2002 para 77% em 2006. Já em relação ao voto da "classe C", fazendo uma correspondência entre “classe C” o que as autoras denominam como classe média baixa, de 2002 para 2006, o voto em Lula teria tido um aumento muito pequeno, passando de 58,9% para 62,8%<sup>6</sup>.

A partir destas constatações, é possível dizer que a ascensão das camadas mais empobrecidas da população, que ocorreu após o ano de 2004, segundo Neri e Quadros, e que corresponde ao período do primeiro mandato de Lula, provavelmente está relacionada com a opção por Lula por parte dos eleitores das classes D e E em 2006. Segundo Hunter e Power, o eleitorado brasileiro teria feito uso na eleição de 2006 do chamado *pocket voting*, ou seja, aqueles que foram beneficiados pelas políticas de distribuição de renda do governo, como aumento do salário mínimo, bolsa-família, e demais benefícios sociais, teriam optado em sua maioria por Lula, argumento que foi corroborado por Zucco, que, por sua vez, afirma que existiria uma forte correlação entre recebimento do bolsa-família e voto em Lula. Já os setores de rendimentos mais altos, que, de acordo com Quadros, 2008, teriam permanecido praticamente estagnados em relação à ascensão dos setores de renda mais baixa, fizeram a opção, em sua maioria, pelo candidato da oposição, Geraldo Alckmin, do PSDB. Para estes autores, os eleitores que votaram em Lula o fizeram por motivos exclusivamente econômicos, e não-ideológicos, como também argumentam Balbachevsky e Holzhacker.

Ainda que não existam respostas conclusivas a respeito das razões que levaram os mais pobres a optarem por Lula, a constatação da existência da correlação entre pertencimento às camadas mais baixas e voto em um candidato progressista é incomum no Brasil e pode ser um indício de um re-alinhamento político nacional, tese defendida pelo cientista político André Singer (2009). Afinal, segundo Scott Mainwaring, Rachel Meneguello e Timothy Power, as bases dos partidos conservadores “populares”- em oposição aos partidos de direita programáticos - , que apelavam para o clientelismo e personalismo no Brasil, eram formadas por pessoas que pertenciam às camadas mais pobres e menos escolarizadas da população e que se concentravam em zonas rurais e pequenos municípios.(Mainwaring; Meneguello; Power, 2000) Este padrão podia ser observado em relação ao recrutamento de parlamentares de direita nas regiões mais pobres do país e na eleição

---

6 Cabe lembrar que a metodologia utilizada por Balbachevsky e Holzhacker divide as classes em classe baixa, média-baixa, média-média e média-alta, sendo que as classes D e E se localizaram principalmente na classe baixa, e assim sucessivamente. Na elaboração desta classificação as autoras levaram em conta a renda, a escolaridade e a posse de computador e TV à cabo, de modo que podem existir pequenas diferenças entre esta metodologia e outra que só leve em conta a renda, o que não retira a força do argumento.

de Collor em 1989, cuja maior votação foi justamente entre os eleitores mais pobres e menos escolarizados, sendo que Lula recebeu a maioria de seus votos das classes médias e altas. Nas eleições de 1994 e 1998 o eleitorado pobre novamente optou pelo candidato que estava à direita de Lula, e em 2002 a votação em Lula ainda não foi marcada por uma grande preferência dos mais pobres em relação aos eleitores das classes médias e altas, de modo que 2006 pode ter sido de fato o ano que marcou o re-alinhamento político destas parcelas da população.

Além disso, jogam água no moinho da tese do re-alinhamento político as constatações mais recentes de que o eleitorado do PT, a partir de 2005, teria aumentado no Nordeste, e, no Sudeste, teria diminuído entre os eleitores de classe média e aumentado entre os eleitores mais pobres (Venturi, 2010). Assim, levando em consideração que o sistema partidário brasileiro está mais estável e a democracia está mais consolidada, e, tendo em vista a confirmação da tese do re-alinhamento político, talvez a situação do Brasil esteja caminhando em direção à análise de Lipset e Rokkan a respeito do comportamento eleitoral de países europeus, ao contrário da conclusão que Mainwaring, Meneguello e Power haviam chegado em sua pesquisa<sup>7</sup>. Se tal tendência for confirmada, passaria a existir no Brasil uma divisão do eleitorado entre, de um lado, uma massa assalariada, com rendas mais baixas, votando em candidatos mais progressistas e, de outro, eleitores economicamente mais privilegiados votando em candidatos mais conservadores.

Tendo em vista a plausibilidade da tese do re-alinhamento político e as transformações sociais pelas quais passam o Brasil, apontadas anteriormente, é possível que a conexão entre certos valores e voto em partidos progressistas ou conservadores se aprofunde ao longo dos anos, e, desta forma, as análises atuais que levam em conta o aspecto econômico do voto como principal preditor, podem, na verdade, estar sinalizando apenas a “ponta do iceberg” de sistemas de crenças ideológicos que, com o tempo, podem passar a ganhar maior nitidez.

Partindo destas considerações, a cidade de São Paulo pode ter sido uma espécie de vanguarda em relação ao que ocorreu em nível nacional em 2006, no que diz respeito à correlação entre voto no PT e no PSDB e a estratificação social dos eleitores. A preferência dos mais pobres pelo candidato do PT, que se manifestou de forma mais acentuada em âmbito nacional apenas em 2006 (Venturi, 2010), já vinha ocorrendo em São Paulo há alguns anos atrás, de acordo com os levantamentos de Fernando Limongi e Lara Mesquita, segundo os quais, a partir do início da década de 90, os eleitores mais pobres começaram a optar pelo PT em oposição aos partidos de direita ou centro-direita, opção esta que foi se consolidando com o passar dos anos (Limongi e Mesquita,

---

<sup>7</sup> A pesquisa conduzida por Mainwaring, Meneguello e Power os levou a concluir que “(...) as bases sociais conservadoras brasileiras não correspondem ao modelo de formação de sistemas partidários de Lipset e Rokkan (elaborado para a Europa Ocidental), com base nas clivagens sociais. Na Europa Ocidental, a maioria dos eleitores privilegiados gravitavam em torno dos partidos conservadores. No Brasil, os eleitores mais ricos não mostram lealdades aos partidos conservadores.” (p.84)

2008).

Levando em consideração que a pesquisa de Limongi e Mesquita sugere que na cidade de São Paulo parece existir uma correlação entre votar no PT e ser pobre e votar no PSDB e ser de classe média ou alta, e em face dos processos de mobilidade social apontados acima, a pergunta que pretendo responder nesta investigação é: como as pessoas que podem ser consideradas como “nova classe C”, na cidade de São Paulo, estruturam suas visões de mundo<sup>8</sup> e as traduzem no momento do voto?

Por mais tentador que seja sugerir, de forma mecanicista, que a divisão do eleitorado paulista entre “pobres” e “ricos” reflete algo como uma votação de classe, é preciso ter em mente que outros fatores, além do local de moradia, escolaridade e renda, podem se combinar com estes últimos de várias formas, podendo ser mais ou menos decisivos na formação de certas percepções da política, ainda mais pensando nos já referidos processos de ascensão via consumo. Assim, como minha intenção é compreender como as pessoas da “nova classe C” estruturam suas visões de mundo e as traduzem no momento do voto, optei por fazer uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas aprofundadas com moradores de um bairro específico, além de algumas entrevistas com líderes comunitários, políticos locais, militantes e lideranças religiosas do bairro. Procedendo desta forma acredito que seja possível compreender como o local de moradia, a história do bairro, a relação com vizinhos, as histórias de vida, a política local, o acesso recente a inúmeros bens de consumo e vários outros fatores confluem para formar certas visões de mundo e percepções da política que, em um momento posterior, se expressam eleitoralmente.

Ainda que níveis de renda não sejam em hipótese alguma, de um ponto de vista sociológico, traduzíveis de forma imediata em posicionamentos de classe, não apenas os estudos em comportamento eleitoral utilizam a divisão entre faixas de renda para analisar os resultados das eleições, como o fazem também os economistas já citados para compreender o processo de ascensão social, via consumo, de milhões de brasileiros que se localizam, sobretudo, em grandes metrópoles. Em face destas duas constatações acabei por escolher guiar minha pesquisa por tais parâmetros, até mesmo para poder discutir sua utilização em pesquisas eleitorais em face dos meus achados. Contudo, como a classificação mais rígida dos entrevistados em níveis específicos de renda é muito complicada, especialmente por conta dos diferentes arranjos familiares que vão se formando ao longo do tempo e de trajetórias profissionais “acidentadas”, surgem dificuldades inevitáveis para lidar com este tipo de classificação mais estanque. Assim, apesar de ter feito um esforço no sentido de escolher meus entrevistados a partir do critério de renda utilizado por Neri

---

<sup>8</sup> Utilizo aqui “visões de mundo” como sinônimo de uma concepção “fraca” de ideologia, ou seja, crenças e valores que orientam a ação humana, em oposição a uma “concepção forte” de ideologia, compreendida por Karl Marx como a falsa consciência que legitima o poder da classe dominante (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1997)



(renda per capita entre 0,5 e 2,2 SM e renda familiar entre 2,5 e 11 SM – considerando uma família de '4,3 pessoas'), por conta da dinâmica diferenciada de um trabalho qualitativo e da própria pesquisa, acabei entrevistando duas pessoas que poderiam ser “classificadas” como classe D, duas entre a “classe D e C”, doze como “classe C”, e uma na fronteira entre “C e B”, totalizando 17 entrevistados. Porém, é importante lembrar que tal “classificação” é aproximada e que pode estar sujeita a mudanças dentro do próprio período da pesquisa uma vez que as pessoas podem perder seus empregos, mudar de emprego, arranjar bicos, passarem a fazer atividade ilícitas, serem presas, ter filhos, ter netos, se divorciarem, seus filhos se casarem, seus filhos ou cônjuges morrerem, albergarem novos parentes em suas casas, e, em vista de tudo isso, modificarem continuamente suas rendas familiares e individuais. A vida real observada de perto é sempre muito mais acelerada e dinâmica do que os índices econômicos parecem apontar, por melhores que estes possam ser, de modo que sempre existe uma passagem de um nível macro para um nível micro, ou vice-versa, existem perdas e ganhos analíticos inevitáveis.

Desse modo, foi a partir da existência expressiva de pessoas das “classes D e C” (a partir do critério utilizado por Neri, 2008 e traduzido em SMs), que indicava uma razoável probabilidade de encontrar pessoas da “nova classe C” no local e da existência prévia de dois informantes que pudessem me auxiliar na pesquisa (após o início da investigação consegui o contato de uma terceira informante)<sup>9</sup>, que o bairro da Brasilândia foi escolhido como cenário para este estudo. Além disso, em comparação com os bairros periféricos das zonas leste e sul, a periferia da zona norte de São Paulo havia sido menos estudada por cientistas sociais.

A pesquisa foi dividida em duas fases principais, na primeira fase, realizada entre agosto de 2011 e março de 2012, foram realizadas entrevistas em profundidade (com duração média de 2 horas) com 17 moradores da Brasilândia<sup>10</sup> que se encaixassem, de forma aproximada, no perfil da “nova classe C”, para coletar dados a respeito de suas visões de mundo e preferências políticas. Na segunda fase, no segundo semestre de 2012, irei entrevistá-las novamente, por conta das eleições municipais, para poder confrontar os dados coletados em suas primeiras entrevistas com suas escolhas para prefeito e vereador. Além disso, como já foi mencionado acima, pretendo fazer entrevistas com políticos locais, militantes e lideranças comunitárias e religiosas do bairro com

---

9 Dois dos três informantes eu já conhecia antes do início da pesquisa, um deles, auxiliar de serviços gerais do condomínio em que eu moro, reside no Jd. Guarani, e a outra é uma amiga de faculdade que morou na Brasilândia, região 'central', desde que nasceu e, há alguns anos atrás, se mudou para a Freguesia do Ó com o marido. O primeiro informante, morador do Guarani, me apresentou a uma vizinha que, segundo ele, era ativa na comunidade e conhecia muitas pessoas no bairro, a qual, após um primeiro contato durante o 2o semestre de 2011, acabou se tornando minha terceira, e principal, informante de pesquisa.

10 O número de 17 pessoas acabou sendo estabelecido em função da exequibilidade da pesquisa, tendo em vista que as entrevistas são aprofundadas (cada entrevista, na 1a fase da pesquisa, teve duração média de duas horas), os sujeitos serão entrevistados novamente durante o período eleitoral em 2012, e além disso, irão ser entrevistados militantes, políticos e lideranças políticas e religiosas do bairro.

intuito de compreender melhor a atuação de partidos, ONGs e igrejas e a articulação desta atuação com a história política do local.

Estudos qualitativos que se situam em um nível micro de análise são extremamente raros na área de comportamento político e eleitoral, o que, infelizmente, permite ao campo fazer poucas considerações a respeito da formação de certas visões de mundo, percepções políticas, ou ideologias, no sentido fraco do termo. Desse modo, as percepções ideológicas dos eleitores acabam sendo pouco utilizadas nos estudos realizados na área para a compreensão do voto, sendo que uma das raras exceções foi a pesquisa publicada por André Singer em 2000, mas que foi realizada a partir de dados coletados em *surveys* e não em pesquisas qualitativas. Desta forma, espero que esta pesquisa possa fornecer pistas, ainda que de forma modesta, que possibilitem uma melhor compreensão acerca das relações entre ideologia(s) e escolhas eleitorais.

### **Brasilândia e seus moradores: temporalidade e política**

Para um melhor entendimento dos dados coletados nas entrevistas, é imprescindível articular, ainda que de forma extremamente resumida, as especificidades de ser morador da Brasilândia com a passagem do tempo e as alterações no cenário político e social. A identidade de morador da Brasilândia, e, mais especificamente, do Jardim Guarani (micro-região que faz parte da Brasilândia), é fundamental para compreender como os entrevistados percebem sua realidade, e, a partir do cruzamento desta identidade com outras que são feitas e desfeitas com o tempo, formam seus juízos políticos:

“O povo tem muito preconceito com a Brasilândia. Às vezes você vai arrumar o emprego e fala que mora na Brasilândia, perdeu a vaga na hora. Eles não falam que foi por isso, mas geralmente é por causa disso. O povo tem preconceito. Então aqui a gente usa a tática, Freguesia do Ó, que fica mais elegante. Põe Freguesia do Ó o povo já te dá um respeito, aí você consegue. Eu já perdi um emprego que eu trabalhava de diarista em Santana, por causa da Brasilândia (...), a mulher falou “ah, trabalhou uma mulher da Brasilândia aqui no prédio e roubou a mulher do prédio, então não vai dar mais filha, sinto muito”. Ela falou, diretamente na minha cara. Eu já tava com ela, ela falou. Porque na verdade foi um conjunto dela ter juntado o que falaram do prédio e dela ter vindo aqui. Ela veio, ela chegou no portão, tinha um monte de moleque fumando narguilé, aí, (foi) naquele momento, no outro dia ela me dispensou. Na hora que eu cheguei lá ela falou: “ai..tem um monte de maloqueiro lá perto da sua casa né? Você mora bem no buraco da Brasilândia né?”, falou desse jeito. Falei: “moro, com muito orgulho”. (Tatiana<sup>11</sup>, 30 anos)

---

11 Os nomes dos entrevistados foram modificados para a resguardar sua identidade.

O bairro da Brasilândia se localiza geograficamente na zona noroeste da cidade, fazendo fronteira com os bairros da Freguesia do Ó, ao sul, Jaraguá ao leste, e Cachoeirinha ao oeste, sendo que ao norte se encontra a Serra da Cantareira. Inicialmente o bairro era formado por chácaras e sítios que passaram a ser loteados na década de 1940 (o nascimento “oficial” da Brasilândia é 24 de janeiro de 1947). Sua população começou a aumentar por conta da imigração massiva de nordestinos à procura de ofertas de emprego nas fábricas localizadas nos bairros da Barra Funda, Limão, Freguesia do Ó, e demais regiões próximas, principalmente a partir dos anos 60<sup>12</sup>.

A distribuição dos moradores no bairro parece guardar relação com o momento em que lá se estabeleceram e com o tipo de moradia que foi possível conseguir tanto de acordo com sua renda quanto por meio de redes de familiares. Dessa forma, moradores que chegaram ao bairro primeiro e conseguiram manter níveis de renda que possibilitaram sua permanência no mesmo lugar acabaram se concentrando na região em que as pessoas chamam de Brasilândia de fato, ou seja, nos arredores da Rua Parapuã, onde se concentra o comércio do bairro e onde podem ser encontradas casas com estética similar a casas de classe média. Outras micro-regiões, apesar de fazerem, a rigor, parte da Brasilândia, foram se formando posteriormente, como Jardim Vista Alegre, Carombé, Terezinha, Jardim Paulistano, Jardim Damasceno, Jardim Guarani, Jardim Paraná e outros, sendo que, ao que parece, as moradias localizadas dentro da Serra da Cantareira, praticamente no limite do município, são as mais recentes. Estes locais ficam mais distantes da “Brasilândia”, isto é, do “centro” da Brasilândia, e mais próximos da Serra da Cantareira, e, são mais heterogêneos do que os arredores da Rua Parapuã, uma vez que é possível encontrar desde casas com estética de classe média construídas em terrenos legais até favelas e construções irregulares mais ou menos precárias construídas em terrenos invadidos.

Praticamente todas as pessoas que entrevistei e que estão entre 40 e 58 anos<sup>13</sup>, vieram, em sua maioria, de regiões rurais empobrecidas do Nordeste durante a adolescência junto com seus pais e irmãos, ou já como jovens adultos, atraídos pela possibilidades de obter bons empregos como operários em metalúrgicas, fábricas de tecelagem ou outras pequenas fábricas que existiam nos bairros acima mencionados (algumas das quais ainda existem). Para a maioria destes entrevistados, entre os quais, Ana Maria, Cleuza e Raimundo, todos ex-operários que passaram a trabalhar, a partir da metade da década de 1990, no setor de serviços ou fazendo bicos<sup>14</sup>, o período que compreende o

---

12 Várias das informações sobre a constituição do bairro e a relação desta com seus moradores foram retiradas não apenas a partir de conversas com entrevistados e informantes mas também de um relatório realizado pelo CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária -Centro de Referência e Memória) referente ao “Projeto Brasilândia”, realizado entre 1999 e 2000, gentilmente autorizado para uso nesta pesquisa pelo Centro.

13 Dos dezessete entrevistados, nove tem entre 21 e 38 anos e oito entre 41 e 58 anos.

14 Para mais informações a respeito dos entrevistados citados neste texto consulte o anexo com as biografias resumidas, organizadas em ordem alfabética.

final da década de 1970 e a década de 1980, foi percebido como uma boa época, uma vez que seria mais fácil, segundo os entrevistados, arrumar bons empregos na indústria. Já a década de 1990 foi caracterizada como sendo a pior, em comparação com a década anterior e com a segunda metade dos anos 2000, em termos de oferta de emprego, níveis salariais e boas condições de vida, época da abertura dos mercados e de diversos cortes na indústria, por conta dos quais o trabalho fabril começou a escassear e o desemprego passou a ser uma dura realidade para muitos operários. A partir da metade dos anos 2000, muitos homens acabaram arranjando novos empregos em função do *boom* do setor da construção civil, já a expansão do setor de serviços beneficiou tanto homens quanto mulheres. No caso dos primeiros, muitos acabaram arranjando empregos como porteiros, auxiliares de limpeza, auxiliares de serviços gerais e seguranças, e, no caso das últimas, como empregadas domésticas, auxiliares de limpeza, copeiras e cozinheiras, como foi o caso de Ana Maria, 52, que foi operária durante o fim da década de 1970 até a metade da década de 1990, ficou desempregada por cerca de dez anos, e, na época da entrevista, 2o semestre de 2011, estava trabalhando há cerca de cinco anos como empregada doméstica de dia e cuidadora de uma senhora idosa à noite, somando 1200 reais mensais:

*“Então a senhora ficou trabalhando em casa de família dos 13 aos 18 e depois começou a trabalhar numa firma dos 18 aos 21?”<sup>15</sup> Isso....eu trabalhei na verdade em várias, porque antes, nessa época, era muito fácil a gente arrumar emprego. Você trabalhava numa indústria, você não gostava do serviço, você já arrumava outro, era muito fácil. E nesse período que a senhora trabalhou nessas firmas, a senhora chegou a se sindicalizar ou não? Não, porque na verdade trabalhava um ano em uma firma, dois anos em outra...a última firma que eu trabalhei, eu trabalhei dez anos, na verdade foi quase onze anos. Essa era uma fábrica de ternos, de costura...foi a última firma que eu trabalhei... trabalhei dez anos, eu saí de lá foi no ano de 96. (...) Mas aí foi no ano de 96 que teve esse corte, onde eles mandaram muita gente embora, aí depois disso eu não consegui mais. Eu fiz teste em outra firma, também de costura, mas aí eu não passei. É...então aí foi complicando, não consegui mais...né...aí deu no que deu. Porque hoje é mais difícil conseguir emprego, as firmas tão muito exigentes, inclusive, essas oficinas de costura, eles tão mais exigentes ainda, além de exigir muita produção, eles exigem muita qualidade. Então, como na minha adolescência eu já tinha trabalhado em casa de família né, aí...não que eu goste, na verdade, eu não gosto, mas...”* (Ana Maria, 52 anos)

Embora o período que compreende o fim da década de 70 e início da década de 80, apontado como “bons tempos” pelos entrevistados mais velhos por conta da oferta abundante de emprego na indústria tenha se passado, em grande medida, durante a ditadura militar, as lembranças sobre a política da época foram escassas. Durante as entrevistas, as pessoas tiveram dificuldades para recordar de lideranças políticas e partidos, e, no melhor dos casos, com muito esforço, lembravam do MDB e do Quêrcia, mas de forma bastante nebulosa. O cenário político começou a ficava mais

---

15 Os escritos em itálico se referem às minhas intervenções nas entrevistas.

claro com a primeira eleição direta pós-ditadura, em 1989, em que as pessoas diziam ter votado em Collor ou em Lula. As pessoas que votaram em Collor disseram ter se arrependido, se sentido enganadas pois acharam que o Collor era o candidato que faria algo pelo povo e, quando este chegou no poder, teria traído tais expectativas. Entre estas pessoas havia desde Ana Maria, que se declarou malufista e tendia a votar em candidatos de direita e centro direita, até pessoas que não tinham preferências muito definidas e, após a prefeitura de Marta Suplicy, 2000-2004, passaram a votar tendencialmente no PT tanto para a prefeitura como para a presidência. Entre aqueles que afirmaram terem votado em Lula em 1989, algumas pessoas disseram que sabiam, já naquela época, que Lula era o “verdadeiro” candidato do povo e, segundo o que relataram, desde então, sempre votaram no PT tanto para prefeitura quanto para presidência, dentre os quais, apenas Raimundo, 53 anos, que trabalhou como metalúrgico por 20 anos e atualmente<sup>16</sup> está desempregado, disse ter deixado de votar no PT por conta do mensalão e ter começado a votar nos políticos do PSDB.

Ainda é necessário fazer uma coleta de dados a respeito da implantação dos partidos políticos, associações de bairro, igrejas e movimentos sociais na Brasilândia, e, mais especificamente, no Jd. Guarani, porém, já gostaria de apontar algumas primeiras impressões. Ainda que a ação progressista de lideranças da igreja católica pareça ter impactado a adesão de alguns moradores do bairro ao PT nos anos 80 – duas entrevistadas e uma informante forneceram relatos nesse sentido - me parece que a penetração do partido no bairro é mais fraca e menos antiga em relação a bairros de periferia localizados na zona leste e sul da cidade. Tanto o deputado estadual quanto o vereador mais ligados ao bairro da Brasilândia são do PSDB, o primeiro, Celino Cardoso, se elegeu pela primeira vez em 1994 e vem se re-elegendo desde então, e o segundo, Claudinho, conseguiu maior destaque político há cerca de 10 anos atrás, mas já havia atuado junto com Celino em movimentos sociais e campanhas eleitorais já no fim dos anos 80 e início dos 90<sup>17</sup>. Estes dois parlamentares são bastante conhecidos das pessoas que entrevistei ou conversei informalmente no bairro, sendo que dois dos entrevistados chegaram a cantar para mim o *jingle* de campanha dos políticos, o que contribuiu para a minha impressão de que a presença do PT no bairro é mais recente e menos forte em relação a outros bairros da cidade<sup>18</sup>.

Curiosamente, para além da lembrança ruim do governo Collor, a grande maioria dos entrevistados não realizou muitas conexões entre a década de 90 e os governos de Fernando Henrique Cardoso, inclusive, não foram mencionados em nenhum momento o plano real, o fim da inflação e o próprio nome do ex-presidente tucano foi lembrado apenas por dois entrevistados,

---

16 A utilização de termos como “atualmente” ou “hoje”, para se referir aos entrevistados, está relacionada ao período em que as entrevistas foram realizadas, isto é, do fim de agosto de 2011 até o início de março de 2012.

17 Ver: <http://www.tucano-sp.org.br/vereadores/claudio.htm>

18 Talvez haja na Brasilândia um certo efeito (contrário) de propinquidade: por ser longe do ABCD, o PT não se enraizou nesta região.

sendo que tais menções foram neutras ou negativas. Em relação ao âmbito da prefeitura de São Paulo, não houve qualquer referência à prefeitura de Jânio Quadros, mesmo com estímulo, e, em relação à prefeitura de Erundina foram feitas algumas menções positivas, ainda que bastante nebulosas. O que realmente parece ter marcado de forma aguda a percepção a respeito da política da cidade foi o malufismo. Desde pessoas mais velhas até aqueles que passaram a votar recentemente, todos fazem referência ao político de direita. Costumam ser mais escassas menções positivas às gestões Maluf-Pitta, sendo que o registro geral tende a ser negativo, apontando a ROTA (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar) como força policial truculenta e mencionando a “queda em desgraça” de Maluf após o fracasso da gestão Pitta – aliás, curiosamente, os nomes de Maluf e de Pitta não foram ligados de forma enfática a escândalos de corrupção como ocorreu entre o eleitorado de classe média:

“O Maluf eu não votaria nele, porque eu não gosto do Maluf. Eu não gosto do Maluf por um conjunto de coisas, ele na época do Pitta, eu era menor ainda, eu lembro que eu tinha uns catorze, quinze anos na época do Pitta. E ele falava, se o Pitta não for um bom prefeito, nunca mais votem em mim, então o cara não tem palavra. Porque pra um nordestino, palavra vale mais que um pedaço de papel. Aí o cara vai, faz toda a bagunça que o Pitta fez e vai lá, que Deus o tenha em um bom lugar, mas vai lá, eu não gosto de falar mal de quem já morreu, e se candidata de novo? Eu não gosto. E outra coisa, o Maluf ele fez muita coisa boa, só que tem um problema, ele generalizou na segurança, ele colocou segurança, mas colocou uma segurança que eu acho assim, polícia tem que ser pra proteger o cidadão, só que a polícia dele foi mal treinada. Tipo assim, atira primeiro, pergunta depois. Tem muita gente que é presa e é inocente. (...) To falando da ROTA. Vão dizer, “não, você fala isso porque seu marido é ex-presidiário e inocente, todo mundo que entra na cadeia diz que é inocente”. Tudo bem, mas eu acho que cabe à polícia investigar quem é inocente e paga o pato, porque eles são estudados pra isso, eles são pagos pra isso. Então se você diz que você é inocente e você não é, cabe a eles te condenar, como cabe a eles também te absolver. Então eu acho errado. Meu marido, no caso, não foi condenado, agradeço muito a Deus por isso, mas era inocente. Então não é por causa do meu marido, é por causa de um monte de gente, eu vi gente aí que ficou presa anos, e depois chegaram e falaram “não, era inocente, foi um erro”(…) Eu não gostei mesmo do Maluf. Maluf eu não gostei mesmo por causa de casos que eu vi sobre a ROTA que pra mim ficou...Me marcou, né? A violência deles assim me marcou.” (Tatiana, 30 anos)

Em termos de impacto no imaginário político das pessoas, pensando no âmbito das eleições municipais, a única gestão que parece ter sido, até o presente, uma rival à altura do malufismo é a gestão de Marta Suplicy.

Dentre as pessoas mais jovens, cuja idade varia de 20 a 35 anos, algumas nasceram já em São Paulo e são filhas de migrantes, e outras também vieram, como os entrevistados mais velhos, de regiões rurais empobrecidas do Nordeste, mas, ao contrário destes, vieram para São Paulo ainda crianças junto com seus pais e irmãos. Ao chegarem no bairro da Brasilândia foram confrontadas

com uma realidade bem mais difícil do que aquela dos anos 70 e 80. A combinação explosiva na década de 90 e no início dos anos 2000 entre desemprego, tráfico de drogas e violência fez com que a vivência do bairro e da cidade fosse bastante diferente daquela das gerações anteriores, daí inclusive a lembrança de Tatiana, de 30 anos, a respeito da atuação da ROTA. Apesar disso, ao longo do tempo melhorias importantes foram sendo realizadas no bairro e, atualmente, com a melhora geral da economia, os moradores já podem contar com bancos e grandes magazines no “centro” da Brasilândia, além de vários pequenos comércios nas regiões mais afastadas, como no próprio Jd. Guarani - inclusive, coisa inédita até pouco tempo nas estreitas ruas do Guarani, passou-se a conviver com um conhecido problema das regiões centrais da cidade: o trânsito congestionado.

Quando os entrevistados mais jovens debutaram eleitoralmente, alguns contando apenas com 17 anos, o malufismo não estava mais em seu auge e o octênio FHC estava chegando a termo ou já havia terminado. A segunda gestão petista na cidade, 2000-2004, encabeçada por Marta Suplicy, parece ter sido um divisor de águas para os moradores do bairro. Todos os entrevistados, principalmente os mais jovens, sabiam de cor e salteado as políticas da petista que beneficiaram a população mais pobre: renda-cidadã (várias vezes confundida com o bolsa-família), vai-e-volta (transporte escolar), leve leite (programa iniciado na gestão de Paulo Maluf) e, o mais famoso de todos, o bilhete único. O nome de Marta associado a todas estas políticas era mencionado espontânea e exaustivamente por todos os entrevistados, até mesmo Ana Maria, malufista, disse ter votado em Marta, apesar de não gostar dela, por conta do bilhete único. Muitas vezes bastava eu iniciar a entrevista ou mesmo uma conversa informal dizendo que estava fazendo uma pesquisa sobre política que as pessoas já se declaravam eleitoras da ex-prefeita e passavam a enumerar todas as políticas citadas acima, concedendo destaque especial ao bilhete único:

“Eu não sou muito fã de política não, quando tem política na tevê eu até desligo, ligo o rádio, porque pra mim a maioria só rouba e alguns ajuda. É o caso da Marta. A Marta eu vejo ajudando, na escola tem o leve-leite, bilhete único, ajudou bastante, salário bolsa-família, esses negócio aí, ajudou bastante. Foi uma das prefeitas que eu vi que fez alguma coisa, porque de resto ninguém fez nada, só falam, só falam atrás de voto e não resolvem nada.” (Jadson, 21 anos)

A gestão da petista parece ter influenciado bastante tanto as pessoas mais velhas que vinham votando em partidos distintos sem uma preferência mais específica, quanto as pessoas mais novas que passaram a votar em anos recentes, no sentido de criar e/ou acentuar uma tendência a votar em políticos do PT para cargos executivos. Apesar disso, não é possível falar em uma identificação forte dos entrevistados com o partido da estrela. Ainda que todas as pessoas que tivessem passado pelo ensino superior não titubeassem em dizer que o PT, apesar de tudo, ainda era o partido dos

pobres em oposição ao PSDB, o partido dos ricos, sendo que um dos entrevistados, Lucas, ex-estudante de Ed. Física, chegou a chamar Giberto Kassab de *playboy*, a tendência a votar no PT não é forte o suficiente para desviar o voto dos parlamentares ligados ao bairro, Celino Cardoso e Claudinho, ambos do PSDB – inclusive, nenhum dos entrevistados foi capaz de lembrar o partido dos políticos tucanos – e também não é forte o suficiente para evitar o voto em políticos que se apresentem como “novos”, ou seja, que não sejam explicitamente herdeiros do malufismo ou do “martismo”, como foi o caso de Giberto Kassab, que, apesar de receber várias críticas, conseguiu ganhar o voto de alguns entrevistados, mesmo daqueles que diziam enfaticamente gostar de Marta e que o PT era o partido que mais fazia pelos pobres, como foi o caso de Tatiana. Além disso, algo que é digno de nota é a razoável popularidade que Geraldo Alckmin desfruta entre os entrevistados, vários citavam Alckmin como um de seus políticos preferidos. Porém, ao contrário do que ocorria com Marta Suplicy ou até mesmo com Maluf, nenhum entrevistado foi capaz de mencionar qualquer tipo de política realizada por Alckmin, se limitando a dizer apenas que o consideravam “bom” ou “simpático”.

Para desvendar o que existe por trás de uma aparente “confusão” ideológica em que se combinam a exaltação de uma ex-prefeita feminista e petista, a rejeição mais ou menos enfática à direita popular malufista, o voto pragmático em parlamentares clientelistas “do bairro” cujo partido é completamente ignorado, a memória de Alckmin, um conservador católico, como um político simpático, e a oposição entre pobres e ricos representada pela disputa PT vs. PSDB, é preciso se debruçar sobre uma série de influências das mais diversas vivenciadas pelos entrevistados. Tal esforço ainda está longe de chegar ao fim, assim, fiz a opção de ressaltar alguns aspectos que me chamaram mais atenção, em um primeiro momento, no que diz respeito à formação das visões de mundo dos entrevistados, as quais articulei como uma mistura entre pragmatismo, lulismo e uma boa dose de resignação.

### **Pragmatismo, Lulismo e Resignação?**

Apesar de praticamente todos os entrevistados terem enfatizado que o bairro melhorou nos últimos anos, a Brasilândia continua sendo um local precário em termos de infra-estrutura pública, principalmente nas “vilas” mais afastadas da rua Parapuã. O Jd. Guarani, por exemplo, local de moradia da maioria das pessoas que entrevistei, contava, há alguns anos atrás, com altíssimas taxas de violência e falta de estrutura urbana básica, de modo que vários moradores, quando questionados sobre as melhoras do bairro, diziam que o local em que moravam havia melhorado muito, afinal, há uns cinco anos atrás era comum encontrar ratos dentro de casa por conta da falta de saneamento



básico, ouvir barulhos de tiros e topar com cadáveres estirados nas ruas, que, inclusive, não eram pavimentadas. O bairro passou por melhoras significativas, principalmente a partir da metade dos anos 2000, segundo os entrevistados. Na área central da Brasilândia houve um aumento no número de estabelecimentos comerciais como supermercados, lojas de móveis e banco, e, no Jardim Guarani, foram realizadas obras públicas de saneamento básico, asfaltamento de ruas e construção de novas moradias, porém, ainda permanecem problemas como falta de iluminação pública, calçadas estreitíssimas, acidentadas ou inexistentes, falta de sinalização, lixo na rua, falta de opções de lazer, e vários outros inconvenientes.

Para a maioria das pessoas, estas condições, somadas ao desgaste ocasionado pelo trânsito e pelos ônibus excessivamente lotados e pouco frequentes, acabam não compensando a permanência no emprego por períodos mais longos. Assim, várias delas ocupam um mesmo posto de trabalho apenas por alguns anos, e, nos intervalos entre um emprego e outro são comuns os relatos de doenças físicas (bursite, dor nas costas, pressão alta...) e casos de depressão, principalmente no caso das mulheres, que relatam as dificuldades da tripla jornada: emprego, cuidados com a casa e cuidados com filhos. O cotidiano desgastante compartilhado por várias pessoas é compensado pelas relações de amizade com a vizinhança, apontadas como pontos positivos da Brasilândia e que fazem com que a maioria das pessoas se ligue afetivamente ao bairro e se identifique de forma razoavelmente positiva com seu local de moradia.

Todas as pessoas que entrevistei disseram que seus rendimentos melhoraram nos últimos anos, seja pelo aumento do salário mínimo, seja por ter conseguido um novo emprego, seja porque seus filhos saíram de casa ou começaram a trabalhar e auxiliar nas despesas familiares. Porém, de forma similar ao que já foi escrito sobre estratos populares em São Paulo (Caldeira, 1984) e no Rio de Janeiro (Zaluar, 1988), as pessoas se auto-referenciavam indistintamente como “pobres”, “moradores da periferia/comunidade” e “trabalhadores”, e, de fato existem inúmeras semelhanças, além do local de moradia, que aproxima os entrevistados no que diz respeito à trajetória de vida, ou seja, ao tipo de emprego (fabril ou setor de serviços), cor (parda ou preta), história familiar (pais vindos regiões empobrecidas do Nordeste que se fixaram no bairro da Brasilândia) e religiosidade (cristã difusa).

Os elementos que parecem distinguir algumas poucas pessoas das outras é a passagem pela faculdade, principalmente de pessoas jovens, entre 20 e 30 anos, que conseguiram ter uma trajetória escolar menos acidentada em comparação a de seus pais e o fato de já terem nascido em São Paulo e de terem a possibilidade de trabalhar em atividades diferenciadas em relação as que foram apontadas acima. As famílias em que os jovens conseguiram ter acesso à universidade são tidas pelos conhecidos do bairro como modelares, como exemplos de gente que conseguiu “dar certo”,

isto é, cujos filhos conseguiram estudar de forma mais contínua, ajudam financeiramente os pais, e passaram ao largo das drogas e do crime.

No que concerne especificamente as relações entre renda e consumo, mesmo as pessoas que entrevistei e que desfrutavam de condições financeiras melhores em relação a outros entrevistados, acabam tendo que escolher entre comprar um carro ou reformar a casa, fazer uma viagem ou fazer um curso de línguas, comprar um tênis de marca ou um computador. Mesmo escolhendo entre adquirir certas coisas e não outras, todas as pessoas foram unânimes em dizer que elas próprias ou amigos e conhecidos costumam se endividar, muitas vezes de forma acentuada, o que acaba fazendo com que, por exemplo, nos casos mais frequentes, ao se comprar um carro, não sobre muito dinheiro para a gasolina, para reparos ou para pagar impostos e taxas referentes à posse do veículo, ou, quando da entrada em uma faculdade, trancamentos e abandonos se tornem frequentes por conta do aumento das mensalidades ou da demora em poder contar com o retorno financeiro esperado do investimento em uma formação de nível superior.

Apesar de muitos entrevistados terem afirmado que o bairro havia melhorado muito nos últimos anos e que sua renda também havia melhorado, não havia uma percepção de que essa melhora representava algum tipo de ascensão social contínua, ou de que a melhora na economia poderia fazer com fossem de fato alçadas, em algum momento no futuro, à classe média. Entre as pessoas entrevistadas, cinco pessoas completaram o segundo grau, das quais quatro conseguiram fazer faculdade particular, duas das quais já se formaram. Mesmo as pessoas que tinham nível superior, pelo que pude constatar até o momento, pareciam ter dificuldade em encontrar trabalhos que pagassem bem e, ao que parece, tinham que escolher entre ficarem desempregadas ou aceitarem um trabalho que pagasse menos e/ou que não exigisse nível superior. Inclusive, nenhuma das pessoas que entrevistei tinha uma renda maior que dois salários mínimos, o equivalente ao que Manuel ganha trabalhando na construção civil como instalador de telas, o que parece ecoar a percepção de que a “nova classe C” está “batendo no teto”, como já havia apontado Waldir Quadros (Quadros, 2008), argumento este reforçado pelos últimos dados sobre a oferta de empregos no país publicados no jornal “Valor Econômico”. Segundo uma matéria recente do jornal, “País só cria vagas de baixa remuneração”, do dia 23 de novembro de 2011<sup>19</sup>, os empregos que vêm sendo criados se concentram sobretudo na área da construção civil e pagam até dois salários mínimos, sendo que os empregos com maior remuneração vêm caindo<sup>20</sup>.

---

19 Os dados referentes à expansão do emprego por faixas de rendimento podem ser encontrados no Jornal Valor Econômico, 23/11/11, p. A4, seção Brasil.

20 Está em curso uma grande pesquisa coordenada pelo CERES (Centro para o Estudo da Riqueza e da Estratificação Social), “A dimensão Social das Desigualdades”, em que alguns resultados preliminares parecem confirmar o diagnóstico de Quadros, 2008. Em palestra realizada em setembro de 2011 no CEBRAP, o sociólogo Carlos Antônio Costa Ribeiro, coordenador da pesquisa no IESP, disse que as chances de pessoas de origem pobre com diplomas

A maioria dos entrevistados afirmou que o máximo que poderia acontecer seria os pobres melhorarem de vida, sem, no entanto, ascenderem de fato para a classe média, ou seja, essa “ascensão”, que seria limitada, se daria dentro do quadro atual de extrema desigualdade de renda. Alguns dizem que apenas um “milagre” alteraria a desigualdade social no Brasil e que, como disse Ana Maria, sempre irão existir ricos e pobres e que, portanto, é impossível viver em uma sociedade que seja formada, majoritariamente, por pessoas de classe média. Assim, ainda que as pessoas julguem que sua remuneração está baixa, que as condições de seu trabalho sejam ruins (caso dos entrevistados que trabalham na construção civil), que a fadiga para ir e voltar do trabalho utilizando o transporte público na cidade seja constante, e vários outros problemas que fazem com que suas rotinas na cidade beirem o insuportável, parece haver, apesar da postura crítica em relação à política e à situação econômica do país, um tom de resignação presente na fala de várias pessoas, de que ainda que existam melhoras, estas não apontam para um futuro muito diferente do que vivem no presente:

“Eu ouço comentários deles falarem que a economia tá melhorando, que melhorou, mas, eu não sei...porque eu não sei do que melhorou na verdade, melhorou em parte, porque como o salário melhorou um pouquinho, na verdade, melhorou nessa parte, porque o salário melhorou um pouquinho as pessoas tem mais oportunidade pra comprar mais né, pode comprar mais as coisas, mas muitas coisas, na verdade, as pessoas podem comprar mais, mas as coisas tão muito caras. O custo de vida tá muito caro, né? As pessoas tem mais oportunidade de comprar mas acaba gastando muito mais, (...) Às vezes tão só comentando, “ah, o salário mínimo vai chegar a 500, 600 reais”, mas você vai no mercado já aumentou tudo, tipo, transporte já aumentou tudo. Quer dizer, as coisas já vai aumentando e vai engolindo, vai engolindo aquele salário, quer dizer, o salário já não alcança mais. Eu acredito que é difícil, como a vida sempre foi difícil, vai continuar sendo, né? É a minha opinião.” (Ana Maria, 52 anos)

“Tô achando que não tá muito bom, tá pra quem tem dinheiro, inclusive pros políticos, pra eles tá bom, agora pra nós que é de comunidade, que é carente, não tá, mas a gente vai vivendo né, podia ter mais melhoria, por exemplo, no salário nós podia ganhar mais, não tá muito valorado, mas melhor do que tava antes tá, (...) melhorou, mas não totalmente, que teve os dissídios aí, e esses dissídios foi negócio de mixaria, aumentou foi negócio de mixaria, com os descontos que tem foi a mesma coisa que não ter aumentado. (...) Das pessoas eu acho que algumas ganharam mais, algumas continuaram na mesma, e algumas pessoas conseguem ter algumas coisas, algumas não. Sofrido pra ganhar, às vezes pra gastar pra comprar alguma coisa diferente, fica dois, três meses pra comprar uma peça de roupa e às vezes não dá, (...) e assim vai. É tanto problema que você enfrenta e você tem que se manter calmo, agir com tranquilidade e ficar calmo” (Jadson, 21 anos)

---

universitários conseguirem bons empregos é pequena, uma vez que precisam concorrer com pessoas oriundas das classes média e alta. Assim, apesar da desigualdade de fato estar diminuindo aos poucos no Brasil, novas barreiras de classe vão sendo criadas por meio da diferenciação produzida pelos capitais social e econômico de origem, e, aqui, retoma-se também o argumento desenvolvido por Eduardo Marques (Marques, 2010) acerca da importância da diversificação das redes sociais para a diminuição da pobreza.

Além de perceberem que estão batendo no teto de suas possibilidades de ascensão social e econômica, outros fatores que também parecem influenciar no sentimento de impotência frente às condições vividas no dia-a-dia, e na consequente resignação, é a constatação das relações entre corrupção e violência que parece unir de forma mais ou menos contínua ou diferenciada lideranças políticas, máquinas clientelistas, pessoas ricas, policiais e crime organizado. O contato intenso, em comparação com os moradores de regiões mais abastadas, com o crime organizado, tráfico de drogas, máquinas clientelistas e policiais violentos lenientes, quando não coniventes, com o crime e com o tráfico, aliada com a percepção generalizada de corrupção na política em todos os níveis tanto em um nível micro, por conta do contato cotidiano com práticas políticas desviantes de lideranças políticas comunitárias, quanto em um nível macro, por meio da televisão, faz com que o ceticismo e o cinismo sejam muito fortes em relação a quaisquer possibilidades efetivas de mudança da realidade. Frente a um mundo violento em que todos parecem se mobilizar por conta de interesses escusos, as pessoas mais velhas vivem com medo do que possa ocorrer com seus filhos, como vício em drogas, prisão ou morte violenta (Feltran, 2011):

“(...) porque não tem só corrupção entre políticos, tem entre policiais também, tem muita corrupção entre eles também, se você falar, o policial vem aqui e te mata, mata alguém da sua família... Eu tenho (medo da polícia), por isso eu perguntei pra você se você era policial, porque às vezes nós toma enquadro da polícia, esses negócio, nós fala “não, nós não mexe com nada, nós é trabalhador<sup>21</sup>, nós não tem aquele estudo mas não mata ninguém”, eles fala “ah é, não mata ninguém?” Mas eles quer forjar, quer colocar droga na sua mão, quer falar o que você não é, que você é traficante, sem você ser...Eles precisam de alguém lá, de algum suspeito, de alguém pra falar “foi esse aqui que fez” e acaba te prendendo sem você fazer nada, quantos não tão preso aí sem serem o culpado? Ninguém tá nem aí, mas muitos tão presos aí sem ser o culpado, e muitos também tão preso porque são culpado mesmo, e esse tinha que prender, mas não, eles vai que vai, às vezes pega a pessoa com nada, às vezes eles se enganaram sem nada, aí, tipo, pra não perder a viagem eles vai lá e pega qualquer um. Já me pararam já, mas parou e falou um monte de baboseira que eu não gostei muito, negócio de “onde você mora, não sei que, você é um drogado, que você é isso, você é aquilo”. Mas aí eu...”ah, você não é nada disso, você é trabalhador é...beleza”, aí fica tipo fazendo uma cara feia, de quem quer complicar a pessoa. É cisma mesmo deles, cisma de alguma coisa. Hoje não pode sair a noite pra lugar nenhum se divertir, em vez de lazer é só briga, morte, você não sabe se vai voltar pra casa ou não, mas de resto é, algumas coisas é boa. Às vezes quando tem um parque pra ir é bom, só nas comunidades que não tem, então tem que sair daqui pra ir pra outro lugar distrair a mente, mas SP é bom sim, tem muitas festas. Eu costumava sair bastante, mas minha mãe ficava na janela lá em casa até de madrugada esperando eu chegar, aí eu parei de sair um pouco, fiquei mais caseiro...deixar ela dormindo mais tranquila também né, (porque) tem briga, até morte tem. Terrível.” (Jadson, 21 anos)

---

21 Nos bairros de periferia existe uma oposição trabalhador x bandido. São dois mundos, o dos trabalhadores e o dos bandidos, que convivem mas que possuem “comunicações” ou, como compreende Gabriel Feltran, “fronteiras de tensão”. Para um melhor aprofundamento da relação entre trabalhadores, criminosos e polícia nos bairros da periferia paulistana cf. Feltran, 2011

“Eu era da Igreja, mas eu saí da Igreja, queria experimentar um pouco o mundo, mas o mundo é muito violento, tô quase voltando pra Igreja. Me afastei um tempo pra conhecer o mundo e agora tô pensando em voltar, o mundo fora não é pra mim não. O mundo fora que eu falo é assim você sair, porque como eu fui criado na Igreja, era só Igreja, escola, casa, só isso, então me afastei dela e fui pro mundo, o mundo é de sair assim, mas saía e era muito violência, toda a vez que saía era briga assim...esse pessoal bêbado assim, então eu vou voltar pra Igreja...agora não, mais pra frente assim, pretendo voltar.” (Cleiton, 30 anos)

Ainda que aqueles que sofram de forma mais direta com o assédio dos policiais e dos criminosos sejam os homens jovens, suas famílias também acabam se envolvendo, ainda que de forma indireta, nos dramas ensejados pela violência. Entre as 17 pessoas que entrevistei para a pesquisa, várias se relacionavam de alguma forma com o crime e/ou a violência no bairro, por exemplo, além dos relatos de Jadson e Cleiton, a filha de uma entrevistada fora assassinada por traficantes após ter optado pela “vida loka”<sup>22</sup>, o marido de Tatiana tinha passagem pela prisão, o irmão de Roseane havia saído recentemente da cadeia, além de um dos entrevistados, Lucas, ter se tornado, ele próprio, criminoso.

Assim, ainda que o assunto principal de uma conversa não seja violência, a “fala da violência” (medo e desconfiança de espaços públicos e recolhimento ao ambiente privado) acaba aparecendo de uma forma ou de outra nas entrevistas (Caldeira, 2000). As pessoas passam a preferir ambientes “seguros” e transitar por trajetos conhecidos a frequentar, de forma mais despreocupada, os espaços públicos, no caso da periferia, bares, *funks* (festas de rua) e as próprias ruas em si. O “mundo” fora de casa, do trabalho e da Igreja se transformou em um lugar extremamente perigoso, nem em festas é possível ir mais por conta do risco de se machucar ou até mesmo de ser morto. A fala da violência não só faz com que os moradores sintam-se impotentes em relação ao seu contexto imediato como também influencia de alguma forma sua opinião sobre mobilizações sociais, o que parece reforçar, por um viés político, um sentimento de resignação e recolhimento à vida privada.

No fim dos anos 70 e começo dos anos 80, devido à grande mobilização de vários setores da sociedade brasileira em torno da democratização, ainda que houvesse repressão violenta a movimentos sociais, fossem greves, movimentos de ocupação ou manifestações e passeatas, havia não só o apoio institucional de organizações nacionais e estrangeiras, laicas e religiosas, mas o apoio de parte expressiva da mídia e da opinião pública a estas mobilizações. Atualmente, diante da ausência de um ciclo ascendente de mobilização (Feltran, 2011) e do apoio expressivo da sociedade a movimentos sociais, ainda que existam redes e articulações que promovam várias pautas de cunho progressista, aqueles que optam pela ação direta e sofrem forte repressão policial, não encontram o mesmo amparo que existia em décadas anteriores, ou seja, os ativistas que se expõem mais parecem

---

22 Gíria empregada nos bairros da periferia de São Paulo para designar adesão ao crime.

não contar com uma boa retaguarda, se é que contam com alguma, ainda mais no caso do Estado de São Paulo, levando em consideração a repressão violenta que ocorreu recentemente com os moradores do “Pinheirinho”.

Hoje, não apenas os custos de participar de ações diretas parecem ter aumentado, em comparação com o período da redemocratização, como o pavor da violência urbana e o “perigo” de participar de atividades que possam implicar em conflitos acabam alimentando a percepção das pessoas de que de fato não vale à pena participar de ações diretas, ainda que estas sejam ou possam parecer justas:

“Só na televisão, na televisão eu já vi passando do Movimento Sem Terra...mas agora eu não entendo o que eles tanto querem porque eu vejo assim dando terra pra eles plantarem mas eu não sei se a família é muito grande, não entendo muito bem o que eles...e acho errado também eles invadirem terra dos outros assim...porque tem muito fazendeiro bravo por aí, porque você sabe que o fazendeiro se pegar invadindo as terras eles atiram né, então eu se fosse do MST não teria coragem de invadir fazendeiro, do Estado eu não sou contra eles invadir terra do Estado por que tem bastante, mas fazendeiro assim, se você invade a terra de algum fazendeiro acho que morre, porque assim é dele, às vezes é da família, isso aí vem há muito (tempo), então eu mesmo se tivesse terra assim eu não ia gostar, não sei se ia atirar, mas ia tentar conversar com eles pra vê se dava um jeito pra eles ir pra outro lugar” (Cleiton, 30 anos)

“Já ouvi falar nesses negócios de sem-terra, deles invadir prédio lá pra cidade. Uma vez aconteceu né? Lá, umas pessoas lá onde minha mãe mora, foram lá pra cidade invadir um prédio lá, a minha mãe falou assim “ah, você não vai?”, “Eu? Eu vou nada nesses negócios de invasão, mexer nas coisas que nem é meu, não vou não”. Esses negócio de invadir negócio que não é nosso, pode sair até morte, a pessoa ir presa, não vale a pena não, eu prefiro ficar no canto aonde eu to. Aí se deu de melhorar, ajuntar um dinheiro e comprar uma coisa que seja meu, não dos outros” (Roseane, 24 anos)

Escolhi esses trechos de entrevistas justamente por causa da ambiguidade que sugerem. Quando questionados sobre o MST e o MTST, era frequente a confusão entre os dois e as respostas das pessoas quase sempre faziam referência ao movimento sem-teto, afinal, é o movimento mais próximo de seu cotidiano. Mas, para além dessa confusão, uma coisa que me chamou a atenção foi que aqueles entrevistados que eram contra esses movimentos não levavam em consideração apenas o “desrespeito” à propriedade privada ou o aspecto “ilegal” das ocupações, mas também chamavam atenção para a violência que as pessoas sofriam nos conflitos decorrentes de tais ações. Ou seja, ainda que Cleiton e Roseane possam considerar os movimentos como algo “errado”, a violência parece ser um fator importante e que reforça ainda mais a posição contrária. O perigo de morrer por uma causa, que, segundo eles, não vai trazer resultados, não compensa ações que ocorrem nas fronteiras da legalidade.

Um raciocínio similar é aplicado para greves ou manifestações que resultem em violência. Segundo Roseane e outros entrevistados, é preferível sair do emprego do que se manifestar ou fazer greve por melhores salários, ainda que greves e manifestações sejam ações coletivas legítimas, por conta do medo de qualquer tipo de violência que possa resultar dessas reivindicações. Mesmo as pessoas que disseram ser a favor de greves, manifestações e movimentos sociais, também levantaram como um ponto negativo o fator da violência. Afinal, se é possível morrer ou ser preso “só porque você viu ele (policial) fazendo coisa errada, só porque você gravou um negócio assim, na hora você tava do lado”, como diz Jadson, a possibilidade de morrer ou ser preso por participar de movimentos sociais e manifestações é muito maior, considerando a origem social das pessoas e a falta de respaldo da maior parte da mídia e da opinião pública às ações diretas que ocorrem no país atualmente, como disse mais de um entrevistado “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”. Assim, tem-se que, para uma parte dos entrevistados, os resultados eventualmente obtidos por movimentos sociais como o MST e MTST, não compensariam correr os riscos a eles inerentes.

Tendo em vista tal contexto, ou as pessoas procuram trabalhar, ir para igreja e ficar em casa ou levar o ceticismo e cinismo às últimas consequências e partir para a “vida loka”, como foi o caso de Lucas. Após uma passagem curta de seis meses pela prisão por conta de um “favor” que pagou a um amigo que havia se envolvido no crime, Lucas mudou sua cabeça. O jovem metalúrgico que havia tirado seu título com 16 anos para votar em Marta Suplicy, cursava Educação Física em uma universidade privada e sonhava em abrir uma academia de jiu-jitsu no Jd. Guarani, com a intenção de conseguir fazer um pé de meia e dar uma opção de esporte e lazer para outros jovens de seu bairro, resolveu desistir do esporte e dedicar seu tempo para fazer contatos que possibilitem uma carreira promissora com lavagem de dinheiro e demais crimes de colarinho branco. Atualmente, para fornecer uma fachada legítima às suas novas atividades, Lucas pretende fazer faculdade de administração de empresas. Depois do contato mais intenso com o crime organizado na cadeia, o jovem de 23 anos se convenceu de que o mundo era movido a interesses mais ou menos escusos que beneficiavam apenas criminosos, políticos e pessoas ricas e que não havia chance real de ascensão para pessoas com sua origem, ainda que fizessem seu máximo trabalhando e estudando. Lucas não queria terminar como sua mãe, que após ter terminado um curso superior em história preferiu continuar em seu emprego como funcionária de limpeza em uma escola porque acredita que não está preparada para ser professora de história na rede pública, e mesmo se conseguisse dar aulas, provavelmente ganharia a mesma coisa que ganha atualmente, cerca de 1200 reais.

Hoje, para Lucas, a política não tem nenhum sentido além de beneficiar os próprios políticos, mesmo aqueles que parecem bem intencionados só fazem melhorias na medida em que estas proporcionam mais votos, de modo que, na visão do jovem, tanto faz votar em um ou outro

pois a vida vai continuar do mesmo jeito. Ainda que a maioria das pessoas não sejam tão radicalmente céticas e cínicas como Lucas, o sentimento de impotência e resignação parecem também conduzir a uma postura pragmática frente à política. Os entrevistados, todos, não hesitam em dizer que o governo é responsável por atender as necessidades do povo, de mediar conflitos trabalhistas, dar moradia, etc. Porém, ao mesmo tempo, dizem que não é possível confiar nos políticos:

“Olha...a gente fala sobre política entre nós né? E quem que somos nós pra ter um pouco de voz ativa? Não tem como, entendeu? Agora, esse negócio de política, tudo é promessa. É que nem você promete doce pra uma criança, aí você fala assim “vou ali, você fica aí quietinho que quando eu vir eu trago uma balinha pra você”, aí chega a criança querendo a bala, aí você fala “ah, esqueci, não tive dinheiro pra comprar”, é assim que eles são. Você vê...como é que fala, esses vereador que mora na Brasilândia, aqui do bairro, às vezes a gente precisa deles, uma ajuda de alguma coisa, mas você vai, conversa e só fica na conversa, né?” (Cleuza, 57 anos)

“Ah, por política eu não tenho interesse não, não tenho muito interesse não. (...) Porque, eles, assim, eles, pra eles mesmos, eles interessam na pessoa só quando é na hora em que ela vota, quando você precisa deles, eles caem fora. Não tá nem aí, então o interesse da gente não tem como ter interesse por aquela coisa, eu sou assim, não tenho interesse não. (...) Porque a gente pega, vota e eles não fazem nada, pode fazer o que? Nada. Nós não pode fazer nada, né? É assim.” (Manuel, 35 anos)

“Eu acho que a pessoa que é pobre tem que ter um caráter dela, pra ela não cair em enganação. Porque política é enganação, é marketing. Você vê na televisão, eu falo porque eu trabalhei com telemarketing, e eu falo pro meu marido, eles falam tão bonito...” (Tatiana, 30 anos)

Ainda que o mundo seja um lugar ameaçador e violento, em que não vale à pena batalhar por direitos por meio de ações diretas, em que desde a polícia até os políticos pareçam compactuar de alguma forma com a corrupção, o tráfico e crime, e que os partidos e os políticos só querem ganhar os votos do povo com promessas vazias e marketing, ainda assim, a maioria das pessoas, talvez, em alguma medida, por causa da obrigatoriedade do voto<sup>23</sup>, fazem escolhas. No caso da preferência por Marta Suplicy, esta se justifica por conta dos benefícios obtidos, no caso de políticos como Kassab, Celino Cardoso e Claudinho, ao que parece, as promessas e o marketing, aliadas à fraca identificação com o PT, realmente parecem ter algum impacto, sendo que, no caso dos últimos, o auxílio das máquinas clientelistas possam também trazer benefícios concretos e imediatos aos moradores<sup>24</sup>.

---

23 A maioria dos entrevistados afirmou ser contra o voto obrigatório e que, uma vez que o voto era obrigatório, faziam o melhor para procurar se informar sobre os candidatos no momento das eleições, mas ressaltaram que, na ausência da obrigatoriedade, não iriam votar.

24 O governo do Estado, ao contrário da prefeitura e do governo federal, é muito abstrato e distante para praticamente



Porém, se todas as pessoas eram enfáticas em dizer que praticamente todos os políticos eram corruptos e que quase ninguém se “salvava”, como explicar então a existência de políticos que pareciam se preocupar com o “povo”? Em um primeiro momento, Tatiana e outros entrevistados me responderam que a fórmula era simples, os pobres eram mais numerosos, portanto, tudo se resumia a uma questão de cálculo político: políticas direcionadas para a população pobre necessariamente resultariam em mais votos. No entanto, se isso parece ser tão óbvio, por que então todos os políticos não procuram fazer políticas que beneficiem o povo, e com, isso, sempre ganharem as eleições? Neste momento praticamente todos os entrevistados eram unânimes em afirmar que a relação entre o PT, Lula e o Nordeste era a resposta:

“Eu prefiro o PT, eu prefiro o PT, por mais coisa errada que eles fazem, eles pensam um pouquinho nos pobres, tudo bem que quando eles pensam nos pobres, eles pensam “o voto vai primeiro”, pobre tem mais filho, tem mais gente pra votar, tem muito pobre, tem muita gente pra votar na família pobre, então, acho que por mais que eles pensam no voto eles pensam de alguma forma no pobre, né? (Mas) eu acho que eles fazem, eu gosto do PT não é só por isso não, é que eu brinco muito, mas por causa da minha cidade, lá no Nordeste, o PT fez muito lá. Então, pra muita gente pode dizer assim “ah, o PT fez uma esmola no Nordeste”, mas se você for no Nordeste pra passar quinze dias, igual eu passei quinze dias quando eu fui buscar minhas filhas, você vai dizer “o PT é um Deus grego”. Por isso que eu tiro o chapéu pro povo do Nordeste, o povo do Nordeste eles idolatram o PT, porque o que eu tenho aqui pro povo do Nordeste eu sou milionária, e eu passo o maior sufoco. Eu passei quinze dias no Pernambuco, posso dizer pra você, sabe o que que o pessoal comia lá? Preá, é um tipo de porquinho sem rabo, então eu precisei ir lá pra ver o que é sofrimento. Porque é o que eu falo pro meu marido, “você acha que nós estamos sofrendo, sofrer, nós sofremos lá, lá o povo não tem colchão, lá é assim, você põe as tábuas da cama, põe um pano em cima e deita”, então lá não tinha banheiro, lá não tinha banheiro, lá não tem coleta de lixo. Então são coisas que aqui pra gente a gente acha que tá ruim, pra eles lá seria luxo. Lá o Lula fez banheiro pras famílias carentes, não tinha água encanada, o povo sobe numa escada de madeira pra colocar água numa caixa e tomar banho frio. E o povo é feliz, você acredita? Só deles ter o prazer de abrir um chuveiro que eles só vêem na televisão, eles são felizes. E ele fez cisterna, porque lá não tem água, lá a gente pede a água emprestado. Eu bebi água que as vacas tomavam banho dentro. Aquela água...meu marido gosta muito de roupa branca, eu falei pra ele “é pobre, mas é metido a rico”, ele gosta de roupa branca impecável. Ele lavou a camiseta no barreiro e a camiseta ficou amarela. Sabe o que é todo o dia você caminhar como daqui no Paulistano pra você tomar banho? Lá era assim, tinha que caminhar todo o dia pra chegar no banheiro e tomar banho, se chegava e tinha um bicho lá dentro da água ou você tomava lá mesmo ou ficava sem tomar banho. Então eu acho que eles fizeram alguma coisa porque, eu ainda acho que é muito pouco o que eles fizeram, mas foi os únicos que fizeram. Passou quantos políticos por aí e não fizeram nada disso? Eles fizeram, eles fizeram essas cisternas, quando chove o povo aproveita, só que acho que São Pedro anda meio triste com o povo nordestino porque quase nunca chove. Então lá o caminhão de água é cinquenta reais e não enche a cisterna. Mas quando você tem dinheiro, os aposentados tem dinheiro, o bolsa-família também, já compra um caminhão de água, pelo menos você já pode tomar uma água né? Então eles deram carrinho de boi pro

---

todos os entrevistados, desse modo, era muito difícil compreender o que as pessoas achavam do governo do Estado de São Paulo. Assim, optei por não tentar investigar de forma mais aprofundada as motivações do voto em Geraldo Alckmin.

pessoal, com dois boizinho, então é o meio de transporte do povo. *E por que você acha que eles fizeram e os outros não?* Eu acho que por eles ser um pouco de lá, eles pensaram um pouquinho né, eu acho que foi por isso que eles fizeram. Eu acho que foi mais pelo presidente Lula, pela condição de vida que ele teve, eu acho que foi por isso que ele fez. O povo, todo mundo gostava dele. Eu gosto, eu gosto porque ele fez, ele fez alguma coisa pelo meu povo, não foi nem por mim, mas foi pelo meu povo. Então eu acho que ele fez pouquinho, mas ele fez, ele deu iniciativa, ele deu o pontapé final (inicial). Igual o povo fala, “mas já tinha o bolsa-escola”, mas o bolsa-escola era o que? Quinze reais por criança? O bolsa-família é um pouco mais né, igual, fizeram uma limitação até três filhos, ele já aumentou até cinco. Pobre tem muito filho gente, não tem jeito, ou é por situação igual a minha que fui obrigada ou por qualquer outra situação, mas pobre tem muito filho, e eu acho que as crianças não tem que pagar pelo erro dos adultos. (Tatiana, 30 anos)

É possível verificar pela leitura deste trecho da entrevista de Tatiana como a passagem realizada entre a fala sobre o PT e sobre o Lula é feita completamente sem mediações, como se PT e Lula fossem sinônimos. Foram várias pessoas que afirmaram que gostavam de Lula menos pelo o que o ex-metalúrgico havia feito diretamente para elas e mais por conta de políticas feitas para pessoas mais pobres e/ou nordestinas. Quando perguntava para os entrevistados sobre coisas que Lula havia feito e que consideravam boas, além de menções referentes à importância que tem o bolsa-família na vida da maioria dos nordestinos, também eram citadas melhorias que estavam sendo feitas no Nordeste, como as que Tatiana apontou, inclusive, Cleiton chegou a lembrar até da Transposição do Rio São Francisco. Ficou evidente que, fossem seus laços com o Nordeste mais ou menos fortes, as pessoas reivindicavam o governo petista quase sempre fazendo referência ao Nordeste e à ajuda aos mais pobres, ainda que, em vários casos as pessoas não conseguissem mencionar políticas feitas durante o governo Lula que as beneficiasse diretamente. A única entrevistada que o fez, citando o aumento do salário-mínimo, curiosamente, não era lulista, e, ao contrário, assumia uma posição crítica ao governo do petista:

“(...) que nem no caso do ex-presidente Lula, eu lembro muito bem que ele prometeu que ele ia criar muito emprego, que ele ia criar muito emprego pras pessoas...então foi nossa, acho que muita gente votou nele por causa disso, mas na verdade ele não cumpriu muito isso que ele prometeu. Não vou dizer assim que não teve mais emprego, na verdade pode até ser que teve emprego mas com condições muito além da capacidade das pessoas, então, pode ser que na verdade que não é que ele não cumpriu, pode ser que na verdade até tenha muita oferta de emprego, mas o que não tem assim é emprego com mais facilidade, com mais acesso pras pessoas que não tem condição. Eu gostei do governo Lula na parte do salário mínimo, que melhorou um pouco, podia ter melhorado mais, mas na parte do salário ele melhorou, melhorou um pouco o salário das pessoas, as pessoas conseguem ganhar um pouquinho melhor, mas poderia ter melhorado mais a parte de emprego pra mais pessoas, pras pessoas que trabalha, mora no interior, que trabalha na agricultura, tivesse mais facilidade, mais acesso pra essas pessoas, teria melhorado mais a vida deles também. Mas acho que ele fez um bom governo, né. É, na verdade eu gostei mais foi da parte do salário mínimo, só dessa parte mesmo.”

No caso do voto em Marta, ainda alguns entrevistados digam que a ex-prefeita é uma pessoa “boa” ou que está genuinamente preocupada com o povo, as pessoas não hesitam em dizer que elas mesmas foram economicamente beneficiadas por suas políticas. No entanto, apesar das pessoas serem, ou parecerem ser, bastante pragmáticas em relação ao voto para prefeitura e vereadores, seja ao votarem em troca de benefícios coletivos, como o bilhete único, ou adquiridos via relações clientelistas por meio das máquinas partidárias existentes no bairro, tal pragmatismo parece diminuir em relação à opção por Lula. No caso do voto no ex-presidente, as pessoas se referiam a benefícios que foram concedidos a outras pessoas e não a elas mesmas, o que contraria o pragmatismo de tipo econômico, ainda que uma das entrevistadas tenha recebido o bolsa-família por um curto período e outra tenha recebido o renda cidadã, todas as pessoas entrevistadas foram unânimes em apontar que o Bolsa-Família era uma boa política para as pessoas mais pobres do elas e que deveria continuar existindo. Uma das únicas críticas ao programa foi a de que algumas pessoas utilizavam o dinheiro para comprar drogas e não alimentos ou materiais escolares, mas ressaltavam que isso não retirava o mérito do programa.

Além disso, muitas pessoas citaram diversas melhorias concretas no Nordeste que beneficiaram aquela região e não locais em São Paulo ou em seu bairro, quando poderiam tê-lo feito. Curiosamente, várias das pessoas que entrevistei moravam perto de um conjunto de prédios construído pelo PAC em parceria com a prefeitura de São Paulo, sendo que algumas moravam nos próprios prédios e em frente à rua havia uma placa gigantesca que anunciava que aquela obra havia sido realizada pelo governo federal. De certo não foi por vergonha ou falta de memória, mas porque de fato o voto em Lula transcendia o voto puramente econômico, segundo os entrevistados, votava-se em Lula porque ele de fato teria ajudado as pessoas mais pobres, aquelas que mais precisavam, e porque ele mesmo, diferente da grande maioria dos políticos, foi tão pobre quanto essas pessoas e teria, portanto, uma “sensibilidade diferenciada para os sofrimentos do povo”.

No entanto, apesar de haver algumas pessoas mais enfaticamente “lulistas”, a maioria dos entrevistados, apesar de ter votado em Lula e em Dilma (fora Raimundo ninguém votou em candidatos da oposição para a presidência após 2002), parecia ser crítica em relação ao governo do ex-presidente:

“É, eu gosto do Lula. Eu gosto, eu acho que ele pode melhorar né. Pode melhorar, ele não sendo mais presidente, ele pode até dar umas dicas de melhora né, pode fazer mais. Mas eu gosto dele só por ele ter feito um pouquinho, mas ele tá deixando a desejar ainda, acho que ele pode fazer bem mais. Eu preferia que eles investissem em emprego, em habitação, eu preferia dez mil vezes, mas é um dinheiro (do bolsa-família) assim que muitas vezes você come porque

“você tem ele. Então eu acho que ajuda muito, igual, eu tenho uma prima que ela mantém os filhos com o dinheiro do bolsa-família. Ela tem problema de saúde, psiquiátrico, só que é na Bahia, na Bahia tudo é mais difícil conseguir, e ela conseguiu, ela conseguiu uma casa e o BF, então ela mantém os filhos dela com o BF.” (Tatiana, 30 anos)

*“Você falou do bolsa-família né, que você achava uma boa política... Isso, mas até onde que eu sei foi a Marta que fez isso, mas o Lula o que eu via dele era só negócio de... era só negócio de Petrobrás, de China, só via dele esses negócios só, mas fazer alguma coisa mesmo pra nós mesmo ver com os nossos olhos as melhorias, não vi nada, pelo menos eu não. Posso tá enganado também, mas eu não vi nada.”* (Jadson, 21 anos)

A partir da exposição destes trechos é possível perceber uma espécie de pragmatismo, por parte das pessoas, combinado a um sentimento de filiação ou pertencimento ao povo, encarnado na figura de Lula. Ainda que se leve em conta que Lula fez só “um pouquinho” e que poderia ter feito muito mais, nas palavras de Tatiana, ou ainda que, “era só negócio de Petrobrás, de China”, segundo Jadson, todas as pessoas que entrevistei aprovaram seu governo, afinal, teria sido um dos únicos políticos que teria feito algo pelo povo brasileiro, que, por meio de uma função metonímica, assumia a feição dos pobres do Nordeste. E aqui o pragmatismo e a resignação aparecem nesse sentido, ou seja, existem políticos que fazem pelos pobres, e, ainda que estes políticos possam ter vários problemas, eles representam a opção existente e é com base nisso que as pessoas fazem suas escolhas, diferentemente do que imagino que deve ocorrer com os nordestinos pobres e lulistas, cuja confiança em Lula deve ser muito maior, as críticas menos frequentes e a empolgação em relação a um futuro mais próspero maior do que a existente entre os moradores da Brasilândia. Afinal, em um contexto em que mesmo com melhoras concretas as pessoas sentem-se estagnadas social, econômica e psiquicamente, qualquer político que faça um “pouquinho” ou que tenha uma cara “nova” ou “simpática” já passa a ser considerado como uma opção viável. Nesse sentido, o diferencial do PT, que se confunde com o de Lula, é de, apesar dos pesares, continuar sendo, no imaginário político das pessoas, um partido dos pobres, dos moradores de periferia, dos trabalhadores, em oposição ao PSDB, que é o partido das pessoas que não sentem vergonha de frequentar a Av. Paulista, como aponta Tatiana:

*E você disse que você acha que o PSDB é partido mais de rico... Pode ser que eu tenha uma idéia errada, eu to estudando muito pra procurar saber, mas eu acho que sim. Porque você vê mais os comícios, eles vão fazer passeata aonde? Na Paulista. Eu sou o tipo de pessoa que não gosta de andar na Paulista, sinto vergonha de andar na Paulista. Porque você anda na Paulista dá impressão que você é uma mendiga... na Paulista você só vê gente... eu fui na Paulista duas vezes, uma vez eu fui procurar emprego, eu nem quis mais a vaga, porque eu conheci a Paulista e não gostei. E uma vez eu fui com o meu marido, todo mundo lá te olha meio que pra baixo, entendeu? Não gostei.”* (Tatiana, 30 anos)

## Considerações Finais

O que pretendi mostrar por meio desta breve exposição de alguns resultados iniciais de pesquisa é que se um desencanto com a política, de forma ambígua, pode desaguar ora em um pragmatismo clientelista ora na pouca resistência ao apelo da propaganda eleitoral, este também pode diminuir diante de políticas públicas que beneficiem coletivamente os mais pobres, fazendo com que pessoas votem em políticos que não necessariamente as beneficiem de forma direta ou cujo maior apelo sejam propagandas eleitorais tão caras quanto vazias.

As motivações do voto em Lula, e, posteriormente em Dilma, reforçam as fracas, mas ainda persistentes percepções de que o PT continua sendo o partido dos mais pobres, apesar dos poucos avanços reais frente às expectativas de seus eleitores, como é possível perceber nas críticas destes ao desempenho do governo federal. Parecem existir sentimentos de revolta e indignação frente à realidade cotidiana que encontram pouca expressão por meio da política e, ao que parece, precisariam ser, então, contra-balanceados por uma boa dose de resignação, como propõe Jadson “é tanto problema que você enfrenta, (que) você tem que se manter calmo, agir com tranquilidade e ficar calmo”, ou pelo “recolhimento” à vida religiosa, como apontou Cleiton ao falar de seu desejo em voltar para a Igreja, do contrário, pode-se correr o “risco” de abandonar de vez a vida de trabalhador e fazer como Lucas, que adotou o cinismo como justificção moral para o tipo de vida que escolheu.

Como foi possível perceber, este texto foi escrito com base em resultados iniciais de pesquisa. Com o avanço da transcrição e análise das entrevistas já realizadas com os dezessete moradores da Brasilândia, que serão complementadas, posteriormente, com entrevistas com lideranças políticas e religiosas do bairro e com novas entrevistas durante as eleições municipais de 2012, é possível que as impressões expostas aqui, ainda de forma embrionária, venham a ser modificadas. Tendo isso em vista, fiz a opção por expor e comentar tais impressões sem ainda entrar no debate tanto com a literatura de comportamento político e eleitoral, quanto com a que lida com as recentes transformações sociais apontadas no início do texto, o que pretendo fazer apenas quando esta investigação estiver em um estágio mais avançado.

Dessa forma, como não pretendo fazer nenhuma síntese ou conclusão a respeito do que foi exposto acima, encerrarei estas considerações finais com o relato de algo que me chamou bastante atenção, além daquilo que já foi discutido anteriormente, e que pode apontar para algum tipo de relação entre ascensão social e percepções políticas. Uma das entrevistadas, a quem chamei de Caroline, após sua passagem por uma faculdade particular, na qual cursou Administração de Empresas com ênfase em Comércio Exterior, parece ter ficado um tanto dividida entre a influência

de seu local de moradia e sua origem social, de um lado, e a influência exercida por seus (ex) colegas de faculdade, de outro.

Apesar de ter tido bastante contato na infância com uma religiosa que se candidatou a vereadora pelo PT, de sua mãe ter uma participação ativa na comunidade, e de ter encenado uma peça de teatro sobre a vida de Olga Benário cujo diretor era, segunda ela própria, comunista, Caroline não só não conseguiu me explicar o que era comunismo, como, embora sempre tenha votado no PT para o executivo, não sabia o que era esquerda e direita em política. De qualquer forma, afirmou que o PT era o partido dos pobres e o PSDB dos ricos. Apesar de ter votado em Marta nas últimas eleições municipais, ao contrário de quase todos os entrevistados, considerou que Gilberto Kassab havia sido um bom prefeito, inclusive, afirmou que poderia ter votado no político do PSD em 2008. Além disso, disse também que poderia votar em Gabriel Chalita, em 2012, caso este seja candidato a prefeito, por conta de um livro de sua autoria que leu na faculdade. Aqui, é interessante notar, que, apesar de Caroline ter dito que o PSDB seria o partido dos ricos, mesmo tendo dito, erroneamente aliás, que Chalita era um político do PSDB, declarou simpatia pelo mesmo. Além disso, a jovem contou que havia perdido o contato com a maioria de seus colegas de faculdade, porém, ainda recebia, diariamente, *e-mails* com mensagens raivosas, e, por vezes, obviamente mentirosas contra Lula e Dilma. Quando perguntei se ela acreditava no que vinha escrito nestas mensagens, Caroline me respondeu: “eu realmente fico em dúvida...talvez seja verdade”.

## **Anexo –Biografias resumidas dos entrevistados citados no texto**

**Ana Maria**

**Idade: 52 anos**

**Local de moradia: Brasilândia “Centro”**

**Local de Origem: Córrego Novo - BA**

**Ocupação: Empregada doméstica (período diurno) e cuidadora (período noturno)**

Ana Maria mora, sozinha, nas proximidades da Rua Parapuã, onde se concentra o comércio da Brasilândia. Sua casa fica nos fundos do terreno ocupado por uma casa maior, habitada por uma família de classe média. Veio de Córrego Novo, Bahia, quando era adolescente, e sua família se estabeleceu no Morro Grande, hoje uma micro-região de classe média e média-baixa da Brasilândia. Trabalhou como empregada doméstica por curtos períodos até se casar. Ficou casada por pouco tempo (seu marido também era nordestino, vivia de bicos e, atualmente, trabalha nas obras do metrô de SP), teve uma única filha, e, logo após a separação, por volta dos vinte anos de idade, começou a trabalhar como operária em diversas fábricas na Freguesia do Ó. Em uma dessas fábricas, na década de 80, entrou em contato com pessoas que eram evangélicas e resolveu abandonar o catolicismo, passando a frequentar, desde então, a Congregação Cristã. Em 1996 foi demitida de uma fábrica de tecelagem onde trabalhava e depois disso, apesar de diversas tentativas, nunca mais conseguiu trabalhar como operária. Ficou desempregada por volta de dez anos e, segundo sua filha, que hoje mora na Freguesia do Ó com seu marido e filhos, entrou em depressão – nesse meio tempo saiu da região do Morro Grande e se mudou para o local em que mora atualmente. Na metade dos anos 2000 conseguiu um emprego como empregada doméstica e, mais recentemente, passou a trabalhar também como cuidadora de uma senhora idosa. Hoje, somando a renda dessas duas ocupações, Ana Maria consegue ganhar cerca de 1200 reais mensais.

**Caroline**

**Idade: 30 anos**

**Local de moradia: Jd. Guarani**

**Local de Origem: São Paulo - SP**

**Ocupação: formada em administração de empresas (desempregada)**

Caroline nasceu em São Paulo e habitava o Jd. Guarani até cerca de dois atrás, quando se mudou para uma casa melhor próxima ao Jd. Icarai, ainda na Brasilândia, pois sua família fora forçada a

deixar a casa em que vivia no Guarani, uma vez que esta havia sido construída em uma área de risco. Caroline e seus três irmãos foram criados pela mãe, a qual trabalha como empregada doméstica até hoje, porém, ao contrário da maioria das famílias do bairro, a jovem e seus irmãos conseguiram terminar seus estudos e cursarem escolas técnicas ou faculdade. Caroline sempre trabalhou no setor de serviços, começou na adolescência como caixa de supermercado, ganhando cerca de 500 reais, e logo passou a trabalhar no setor financeiro da empresa, apesar de seu salário não ter melhorado muito. Seu último emprego foi em uma empresa pequena, na qual também trabalhava no setor financeiro, mas dessa vez saiu da empresa quando estava ganhando 1300 reais. Em meio a esses trabalhos em empresas, Caroline se esforçou para conseguir ganhar dinheiro como atriz de teatro, porém, apesar de ter feito cursos e apresentado várias peças, uma delas no Rio de Janeiro, não conseguiu ganhar o que queria. Resolveu então fazer uma faculdade que pudesse lhe render uma boa colocação no mercado de trabalho, e, após uma pesquisa sobre o que seria mais rentável, escolheu cursar administração com ênfase em comércio exterior em uma faculdade privada na Lapa. Porém, ao contrário do que esperava, ao concluir o ensino superior, Caroline, que hoje mora com a mãe, dois tios, três irmãos e uma sobrinha, ainda não encontrou um bom emprego. No momento da entrevista, março de 2012, estava a procura de boas vagas e fazendo um curso de inglês, porém disse que estava com muita dificuldade para encontrar bons postos em São Paulo e que estava cogitando mudar para uma cidade no interior do Estado para tentar conseguir uma vaga que correspondesse aos seus anseios.

### **Cleiton**

**Idade: 30 anos**

**Local de moradia: Jardim Guarani**

**Local de Origem: Belém de São Francisco - PE**

**Ocupação: Recepcionista de Mercadoria (Hipermercado do Bairro do Limão)**

Cleiton veio criança para São Paulo, de Belém de São Francisco, Pernambuco, junto de sua mãe e seus irmãos, porém foi adotado por uma família religiosa cujo pai era pastor de uma igreja evangélica no bairro da Brasilândia. Seu pai adotivo era metalúrgico, sua mãe adotiva, dona de casa, e, segundo Cleiton, era possível, apenas contando com os rendimentos do pai, que a família mantivesse um bom padrão de vida, de modo que nem ele e nem seus dois irmãos adotivos precisaram trabalhar durante a adolescência. Desse modo, Cleiton terminou o segundo grau e trabalhou como aprendiz apenas por um curto período na mesma fábrica em que seu pai adotivo trabalhava, quando contava com dezessete anos de idade, para “pegar experiência”. Porém, aos



dezoito anos sua vida mudou: Cleiton engravidou uma moça da mesma idade o que fez com que fosse “expulso” da família adotiva. O rapaz resolveu então “assumir” a criança e ir morar com a namorada grávida, porém, esse novo arranjo familiar durou pouco tempo pois Cleiton tinha acabado de começar a trabalhar em um Hipermercado, ganhava mal, e tinha bastante dificuldade em sustentar sua companheira e o bebê. Assim, em 2004, ele separou-se de sua namorada, sua mãe biológica adotou a própria neta, e os três, Cleiton, sua mãe biológica e a criança passaram a morar juntos. Esse novo arranjo durou até 2006 quando a mãe biológica de Cleiton voltou para Pernambuco levando a neta, adotada como filha, consigo. Desde então, Cleiton mora sozinho, no Jardim Guarani, sendo que recentemente conseguiu um apartamento em um conjunto habitacional construído pelo PAC em conjunto com a prefeitura, além disso, seu salário no Hipermercado praticamente triplicou desde 2003, passando para cerca de 1200 reais. Embora tenha se afastado da igreja para “conhecer o mundo”, Cleiton medita sobre a possibilidade de retornar a sua fé, pois, segundo suas palavras, o “mundo fora” da igreja não seria para ele.

#### **Cleuza**

**Idade: 57 anos**

**Local de moradia: Jd. Guarani**

**Local de origem: Pedreiras – MA**

**Ocupação: dona de casa**

Cleuza veio de Pedreiras, Maranhão, para São Paulo junto com uma tia em 1971 e começou a morar na Parada Inglesa, em Santana. Mudou-se para o Jd. Guarani em 1982, quando comprou um terreno, fruto de uma invasão, onde construiu a casa em que reside hoje. Quando Cleuza chegou a São Paulo trabalhou como overloquista, porém, como ficava desempregada frequentemente, acabava trabalhando como empregada doméstica quando não conseguia emprego em firmas. Morou junto com um companheiro por um curto período de tempo, no qual teve duas filhas, depois se separou e passou a viver sozinha com as filhas. Sua primeira filha, durante a adolescência, se envolveu com tráfico de drogas e aliciamento de menores, e, por conta disso, foi assassinada no bairro e sua segunda filha continua viva mas virou moradora de rua e aparece na casa da mãe muito raramente. Desse modo, as duas netas de Cleuza, uma da primeira filha e outra da segunda, moram com ela. Seu último emprego fora como camareira em um hotel, porém, após um sofrer um acidente passou a receber uma pensão de um salário mínimo do Estado e, atualmente, faz apenas bicos, mas a maior parte do tempo passa em casa cuidando de suas netas. Além da pensão por invalidez Cleuza nunca recebeu nenhum benefício como renda-família ou renda cidadã.

**Jadson****Idade: 21 anos****Local de moradia: Jd. Guarani****Local de Origem: Juazeiro - BA****Ocupação: Ajudante de instalação de tela (Construção Civil)**

Jadson veio com sua família de Juazeiro, na Bahia, para São Paulo com dois anos de idade, aproximadamente. Antes de morar na Brasilândia, sua família residia em São Miguel Paulista, onde seus avós moravam. Nessa época seu pai trabalhava no transporte de coleta de lixo e sua mãe era dona de casa e cuidava dele, de suas duas irmãs e de seu irmão. Segundo seu relato, essa foi uma época bastante difícil para a família, pois contavam apenas com o salário do pai que era insuficiente. Após algum tempo sua família resolveu se mudar de São Miguel por conta da excessiva violência do bairro, assim, quando tinha aproximadamente treze anos, Jadson passou a morar no Jardim Guarani. Por volta de 2006, preocupado em ajudar seu pai, desistiu de continuar seus estudos, após ter completado a 6ª série do ensino fundamental, e começou a trabalhar em uma fábrica de botas de bico de aço, onde ganhava 600 reais, emprego o qual logo abandonou, pois a empresa não pagava sua condução. Depois trabalhou por um ano como operador de máquina injetora fazendo artigos diversos, ganhando 640 reais, mas, dessa vez, com carteira assinada. Foi despedido deste último emprego por conta da crise de 2008 e ficou desempregado por anos até conseguir seu emprego atual no ramo da construção civil em 2011. Durante o período de desemprego, entre 2008 e 2011, Jadson vasculhava o lixão perto de sua casa em busca de latinhas para vender. Felizmente, segundo Jadson, a vida de sua família melhorou bastante e hoje ele até consegue guardar algum dinheiro para comprar suas próprias coisas, além daquele que vai para as despesas do lar. Faz seis anos, agora, que seu pai passou a trabalhar como manobrista de uma ótica perto da Av. Paulista, ganhando em torno de 800 reais mensais, sua mãe continuou a ser dona de casa, suas irmãs saíram de casa e Jadson e seu irmão complementam a renda de casa, o primeiro trabalhando como auxiliar de instalação de tela na construção civil e ganhando 900 reais, o segundo ganhando aproximadamente 800 reais trabalhando com sistemas de áudio para automóveis em um comércio do próprio bairro. Ainda que sua vida tenha melhorado, Jadson diz que, por conta dos ônibus excessivamente lotados e do trânsito, por vezes prefere percorrer os vários quilômetros que separam sua casa da empresa em que trabalha à pé.

**Lucas****Idade: 23 anos**

**Local de moradia: Jd. Guarani**

**Local de Origem: São Paulo - SP**

**Ocupação: estudante de ed. Física (criminoso)**

Lucas nasceu e foi criado na Brasilândia, mais especificamente no Jd. Guarani. Sempre morou com sua mãe, seu pai e seu irmão mais novo. Quando Lucas era criança sua família era sustentada apenas por com o salário de seu pai, sua mãe era dona de casa. Durante a adolescência Lucas fez um curso no SENAI que lhe possibilitou começar a trabalhar como metalúrgico em uma firma e sua mãe começou a trabalhar fora como auxiliar de serviços gerais em um hospital. Ao concluir o colegial Lucas, incentivado por sua mãe que havia, ela mesma, decidido cursar história em uma faculdade particular, resolveu se matricular no curso de Ed. Física, pois almejava abrir uma academia de artes marciais no Jd. Guarani e, com isso, atrair os jovens de sua comunidade para a prática esportiva. Porém, um evento marcou profundamente sua trajetória de vida. Lucas, que tinha alguns amigos de infância que haviam se envolvido com o crime, para “pagar um favor” a um desses amigos, acabou participando de uma ação criminosa, o que lhe rendeu uma estadia de seis meses na cadeia de Pinheiros, período que fez com que o jovem re-avaliasse sua trajetória de vida e suas visões de mundo e re-orientasse seus esforços na direção de uma futura carreira como criminoso. Assim, ao sair da prisão, Lucas, que foi obrigado a deixar seu emprego pela firma por conta de sua “ficha suja”, resolveu trancar a faculdade de educação física e se concentrar em fazer contatos visando uma carreira no crime, a qual pretende conferir uma fachada de legalidade fazendo uma graduação em administração, uma vez que sua intenção principal é praticar crimes de lavagem de dinheiro (os quais já começou a praticar de modo embrionário). Sua mãe, desconfiada, costuma chamar sua atenção tentando fazer com que ele volte a “trabalhar honestamente” e siga o exemplo de seu irmão mais novo, que, atualmente, trabalha como recreador infantil em uma agência de turismo.

**Manuel**

**Idade: 35 anos**

**Local de moradia: Jd. Guarani**

**Local de Origem: Brota de Macaúbas - BA**

**Ocupação: Instalador de tela (Construção Civil)**

Manuel veio para São Paulo com sua irmã e seu tio quando tinha 17 anos, em 1993, deixando para trás seus dois filhos, um menino e uma menina, frutos de um casamento desfeito. Ao chegar em São

Paulo começou a trabalhar na construção civil como ajudante de pedreiro, ganhando 400 reais por mês, porém, ao fim de um ano e seis meses de trabalho, a empresa que o empregava faliu e deixou vários trabalhadores sem receber tudo o que tinham direito. Após alguns anos trabalhando na construção civil de forma incerta Manoel conseguiu um trabalho em uma feira livre, na qual trabalhou por quatro anos ganhando cerca de 600 reais mensais. Em seu emprego atual, novamente na construção civil, consegue ganhar 1200 reais como instalador de tela, o que para ele é muito pouco dada a periculosidade do serviço, sendo que, por conta disso, Manuel já manifestou várias vezes seu desejo de deixar o emprego para o patrão, o qual, por sua vez, não quer mandá-lo embora. Atualmente, Manuel vive com a segunda esposa e quatro filhos, três da segunda mulher e um da primeira esposa, em uma casa no Jd. Guarani, no entanto, quer sair de São Paulo o mais rápido possível e voltar a morar em Brotas de Macaúba pois não gosta do ritmo acelerado da metrópole.

**Raimundo**

**Idade: 53 anos**

**Local de moradia: Jd. Guarani**

**Local de origem: Lajedão - BA**

**Ocupação: desempregado**

Raimundo deixou a roça de sua família em Lajedão, Bahia, aos 19 anos, em 1977, para tentar a vida em São Paulo, da mesma forma que o fizeram seus seis irmãos. Por cerca de vinte anos Raimundo trabalhou como metalúrgico em várias firmas próximas ao bairro da Brasilândia, porém, a partir do final da década de 1990 passou a alternar períodos entre o desemprego, empregos em firmas ruins (segundo ele, firmas que não pagavam bem), bicos como serralheiro, os quais eram escassos e pagavam muito pouco, e empregos na construção civil. Antes de seu último emprego formal, no qual ele passou três anos, Raimundo estava trabalhando como serralheiro autônomo e pagando o próprio INSS. Segundo ele, a remuneração como trabalhador registrado é melhor do que como autônomo, já que neste último caso a entrada de dinheiro seria muito incerta. Quando perguntado quanto ganharia nos “bicos” ele usa a expressão “quase nada”, afirmando que seria tão pouco que não daria para calcular. Nesse período, ele diz ter utilizado “uma reservinha” que possuía para complementar a renda. Seu último emprego foi em uma loja de ferros para serralheria, de 2008 a 2011, na qual ele conseguia ganhar 800 reais 'livres', porém, por vontade própria, Raimundo resolveu abandonar esse emprego e ir atrás de outras oportunidades, sendo que, atualmente, vive com o seguro desemprego. Com a melhora de remuneração durante o último período de emprego formal, Raimundo “trocou os móveis”, “assentou o piso da casa” e realizou outras bem-feitorias em

sua residência, como vive sozinho e não tem que enviar dinheiro para parentes, tudo o que ganha fica para si mesmo. Infelizmente, segundo a informante, Raimundo teria se tornado alcoólatra com o passar dos anos, porém não foi possível precisar exatamente quando isso teria se iniciado.

**Roseane**

**Idade: 24 anos**

**Local de moradia: Jardim Guarani**

**Local de Origem: São Paulo - SP**

**Ocupação: Auxiliar de Limpeza (Prefeitura)**

A mãe de Roseane era nascida em São Paulo, onde conheceu seu marido que vinha da Bahia. Desse encontro nasceu a jovem, já no bairro da Brasilândia. Quando Roseane era adolescente resolveu abandonar seus estudos após ter completado a 5ª série do ensino fundamental, ao mesmo tempo, seu pai, que trabalhava como pedreiro, faleceu, e sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica, abandonou o trabalho para cuidar da avó de Roseane que estava com câncer. Nessa época, a família de Roseane, que então contava com sua avó, sua mãe e seu irmão, vivia apenas com a aposentadoria da avó. Em 2008, sua mãe se mudou para outro bairro, passando a viver com um novo companheiro e Roseane, que havia tido um filho do namorado aos 17 anos, resolveu ir morar com seu namorado, hoje marido. Já morando com o marido, em uma casa simples de um cômodo, no Jardim Guarani, começou a trabalhar como auxiliar de limpeza em um hotel, porém, quando o contrato de trabalho com o hotel venceu, após três meses, Roseane foi mandada embora. Depois de dois anos conseguiu, por meio de uma vizinha, arranjar um trabalho como auxiliar de limpeza na prefeitura, onde trabalha atualmente, ganhando 598 reais com carteira assinada. Junto com o marido, que trabalha, atualmente, como instalador de tela na construção civil e recebe 900 reais, consegue juntar o suficiente para fazer uma boa feira e comprar iogurte e biscoito. Apesar da vida ter melhorado, Roseane, que estava grávida do segundo filho na época da entrevista, setembro de 2012, disse que às vezes tem vontade de ir para Bahia, onde ainda tem parentes.

**Tatiana**

**Idade: 30 anos**

**Local de moradia: Cruz das Almas**

**Local de Origem: Seabra - BA**

**Ocupação: diarista**

Tatiana morava em Seabra, na Bahia, com sua avó até a adolescência, de modo que mal conhecia sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica, e apenas encontrava o seu pai, que trabalhava como caminhoneiro, uma vez por mês, quando este viajava para Seabra. Quando completou treze anos sua família julgou que ela já poderia se juntar aos pais, que moravam em São Paulo. Porém, quando Tatiana chegou em São Paulo, descobriu uma vocação para cantora de Forró e começou a se apresentar em barzinhos na cidade, atividade que seus pais reprovavam. Por conta disso, teve muitos desentendimentos com sua mãe, que era alcoólatra, e com seu pai, que a proibiu de ir à escola porque temia que ela iria continuar com os ensaios de forró às escondidas, de modo que Tatiana fez apenas até a sexta série do ensino fundamental. Por conta dos desentendimentos com seus pais, Tatiana saiu de casa e foi trabalhar de empregada doméstica, morando na casa de sua patroa. Em 1997, se casou e foi morar junto com seu marido, que trabalhava como ajudante de pedreiro. Quando engravidou de sua primeira filha, seu marido se tornou extremamente ciumento e violento, passando a agredi-la, sendo que sua segunda filha, que nasceu quando Tatiana contava com vinte anos, foi fruto de uma agressão sexual perpetrada por seu próprio esposo, que, mesmo após várias tentativas por parte de Tatiana, não queria se separar dela. Após um período de depressão, inspirada por uma personagem de novela, ela passou a revidar as agressões do cônjuge, e, como as brigas entre o casal começaram a ficar cada dia mais graves, uma tia da família do marido de Tatiana a acolheu em sua casa e o casal, finalmente, se separou. Após brigarem pela guarda das filhas, seu ex-esposo alegou que queria levá-las para Pernambuco por três meses, onde morava o avô das crianças, uma vez que este estaria doente e gostaria de ver as netas antes de falecer. Tatiana concedeu sua permissão para a viagem das filhas, porém, após três meses, as crianças não retornaram de Pernambuco. Tatiana passou então a guardar dinheiro para poder comprar uma casa e reaver as filhas. Trabalhou em um salão de forró e já estava juntando dinheiro suficiente quando seu patrão foi assassinado e sua esposa “confiscou” suas economias, que ficavam anotadas em um caderno do patrão. Por conta disso entrou em depressão. Algum tempo depois passou a trabalhar como vendedora autônoma, emprego do qual acumula dívidas até hoje. Finalmente, no de ano de 2009, Tatiana, com a ajuda de um novo companheiro, conseguiu fazer um empréstimo no banco e usar o dinheiro para resgatar as filhas, uma das quais, descobriu, posteriormente, ter sido estuprada por familiares do ex-marido durante a estadia em Pernambuco. Hoje Tatiana trabalha como diarista, ganhando em média 400 reais por mês, teve mais dois filhos com o atual companheiro e mora com seus quatro filhos em uma casa simples de um cômodo. Sua renda é complementada pelo salário do marido, que é ex-presidiário e trabalha em uma firma como bordador ganhando 940 reais, dos quais 250 são utilizados para pagar pensão a uma filha de outro casamento. Tatiana sonha em terminar seus estudos e se tornar advogada para defender as mulheres

e os mais pobres, porém, sua preocupação mais imediata é conseguir uma casa maior para não perder a guarda de seus filhos para o Conselho Tutelar, uma vez que as dimensões da atual seria inadequada para as crianças.

## Bibliografia

- BALBACHEVSKY, E.; HOLZHACKER, D. “Classe, ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 a 2006.” *Opinião pública*, Campinas, vol. 13, n.2, novembro, 2007, p.283-306
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G, “Dicionário de Política”, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995
- CALDEIRA, T. P. R. “Cidade de Muros”. São Paulo, Editora 34, 2000
- FELTRAN, G. “Fronteiras de Tensão”. São Paulo. Editora UNESP, 2011
- HUNTER, W.; POWER, T. J. “Rewarding Lula: executive power, social policy, and the Brazilian election of 2006”. *Latin American Politics and Society*, vol. 49, n 1, 2007
- LIMONGI, F.; MESQUITA, L. “Estratégia partidária e preferência dos eleitores – As eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004” IN *Novos Estudos*, n. 81, julho de 2008.
- MAINWARING, S.; MENEGUELLO, R.; POWER, T. “A consolidação dos partidos conservadores” In S. Mainwaring, R. Meneguello e T. Power. *Partidos conservadores no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Paz e Terra, 2000
- MARQUES, E. “Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo” Editora UNESP, São Paulo, 2010
- Neri, M. C. (Coord.). “A nova classe C” - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.
- QUADROS, W. “A evolução recente da estrutura social brasileira” Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n 148, nov. 2008.
- SINGER, A. V. “Raízes sociais e ideológicas do lulismo” In *Novos Estudos*, n.85, novembro de 2009
- \_\_\_\_\_. “Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994”. São Paulo, Edusp, 2002
- SOUZA, A . LAMOUNIER, B. “A classe média brasileira : ambições, valores e projetos de sociedade”. Rio de Janeiro : Elsevier ; Brasília, DF, CNI, 2010
- VENTURI, G. “PT 30 anos: Crescimento e Mudanças na Preferência Partidária. Impacto nas Eleições de 2010.” in *Revista Perseu* No 5, Editora Perseu Abramo, São Paulo, 2010
- ZALUAR, A . “A máquina e a Revolta” , São Paulo, Editora Brasiliense, 2000